

As Aventuras de Larinha Formiga no Mundo da Diversão



Ana Paula de Sá

As Aventuras de Larinha Formiga no Mundo da Diversão

Um livro infantil

Escrito, ilustrado e diagramado por
Ana Paula de Sá

A minha família que eu tanto amo.

Capítulo 1

Coisas eletrônicas? Blé!

Larinha era uma garota diferente. Era exatamente assim que ela se sentia: diferente. Ao contrário das crianças da sua idade, o que Larinha mais gostava de fazer era ler. Já os seus colegas adoravam passar horas no computador. Todos tinham redes sociais e adoravam ficar jogando ou trocando mensagens e fofocas entre si. No outro dia era sempre um burburinho e risadas baixinhas na sala de aula. Já Larinha detestava computador, odiava computador, tinha raiva de computador. Desejava que o computador nunca tivesse existido.

A mãe de Larinha, Clara Formiga, trabalhava em casa e vivia no computador. Quando não estava trabalhando estava aonde? No computador. Até para fazer compras ou pagar contas Clara usava o computador. Larinha achava tudo isso chato, computador pra lá, computador pra cá. Celular? Outro inimigo de Larinha. Todos os seus coleguinhos tinham um celular. No recreio ficavam o tempo todo trocando mensagens, jogando ou tirando fotos para colocar nas redes sociais. Sem contar quando



usavam o celular na sala de aula e recebiam advertência da professora.

Era difícil! Larinha não conseguia se enturmar. Várias pessoas tentaram se aproximar dela, mas ela nunca dava abertura. Chegou a ser amiga de uma menina quando era mais nova. O nome dela era Alice. As duas viviam juntas, brincavam de bonecas, marcavam de brincar no parquinho da quadra da Larinha, ela e Alice eram inseparáveis. Alice, inclusive, tinha o nome da personagem principal de uma das histórias favoritas de Larinha: *Alice no País das Maravilhas*. Ela costumava ir para a casa de Dona Joaninha, avó da Larinha, e passava horas com a amiga. As duas gostavam de ler histórias, ouvir os contos de fadas de Dona Joaninha e gostavam mais ainda de inventar suas próprias histórias quando começavam a desenhar. Mas tudo isso mudou no dia que Alice apareceu com um celular novo na sala de aula.

Todo mundo quis ser amigo da Alice, os meninos ficavam babando pelo aparelho da menina. Todo mundo queria saber como funcionava, quais jogos tinha no celular, se dava para tirar fotos, entre várias outras perguntinhas que crianças adoram fazer quando estão curiosas. As outras meninas, que nem gostavam tanto da Alice quando ela era a melhor amiga da Larinha, começaram a andar com ela, claro, só porque com oito anos ela foi a primeira criança do terceiro ano a ganhar

um celular. Foi a partir desse momento que Larinha percebeu que a amizade entre ela e Alice nunca mais existiria.

Alice passou a ser uma menina metida e começou a ignorar sua querida amiga. O problema agora não era mais só o celular, todo mundo começou a tratar a Alice



como uma rainha e a menina passou a ser um exemplo a ser seguido. Os colegas de Larinha queriam as mesmas coisas que Alice tinha. Por conta desse presente inusitado, todo mundo da sala começou a pedir um celular pros pais de aniversário. Quando Alice

aparecia com um tênis novo, uma mochila nova, um estojo novo, todas as meninas queriam imitá-la. Alice mal chegava na escola todo mundo já queria conversar com ela e perguntar quais eram as novidades, o que ela havia ganhado de novo. As garotas começaram a se vestir todas iguais, falar do mesmo jeito, querer e usar as mesmas coisas.

Isso tudo só fez que Larinha se sentisse cada vez mais distante dos seus coleguinhas. Ela só conseguia pensar no quanto ela queria que tudo fosse diferente. No quarto ano todo mundo já tinha um celular, menos

Larinha. No recreio ela sempre se sentava sozinha com a companhia dos seus livros favoritos ou do seu caderno de desenhos. Alguns coleguinhos ainda perguntavam o que ela estava lendo e até mesmo pediam para dar uma olhada em seus desenhos, mas Larinha nunca dava ouvido. Ela não queria ficar amiga de pessoas que não gostavam das mesmas coisas que ela.

Será que não gostavam?

Capítulo 2

A Família Formiga

Opa!

Desculpe-me, caro leitor. Como começar sem nem apresentar direito a personagem da nossa história?

A história que você está prestes a ler é sobre uma pequena menina chamada Larinha Formiga. Acho que você já percebeu que ela não era como as outras crianças de dez anos, não é mesmo? Vamos ver como tudo isso começou.

Larinha é filha dos advogados Clara e Ricardo Formiga e tem um irmãozinho chamado João. Sua mãe trabalha em casa enquanto seu pai tem um escritório no centro da cidade. Ricardo Formiga quase nunca está em casa, ele é uma pessoa muito ocupada. Todo dia chega tarde e às vezes até trabalha durante o final de semana. Larinha não gosta disso. Ela sente falta do pai e às vezes chega até a achar que ele não a ama. Raramente o pai passa um tempo com ela ou com o João. Almoçar em casa então? Durante a semana? Vixe, é muito difícil! Até mesmo Clara, a mãe de Larinha,

se incomoda às vezes com o tanto que o pai trabalha. Todo dia no café da manhã é a mesma coisa. Enquanto todos comem tranquilamente antes da van escolar de Larinha chegar, assim como Ricardo entra, ele sai da cozinha: com pressa. Mal dá para dar “bom dia”!

- Bom dia, meu amor. – a mãe de Larinha comenta.

- Bom dia, meu bem. Estou com muita pressa. –

Ricardo sempre diz isso enquanto dá um beijo rapidamente em sua esposa e nos filhos, coloca suco em um copo e pega três pães de queijo da cesta.

- Vai almoçar em casa? – pergunta Clara.

- Meu bem, vai depender da quantidade de trabalho que tiver lá no escritório. Todo dia é uma papelada, tá sempre entrando processo novo. Eu não garanto nada. Bom dia para vocês. – responde Ricardo já saindo da cozinha rumo à garagem.

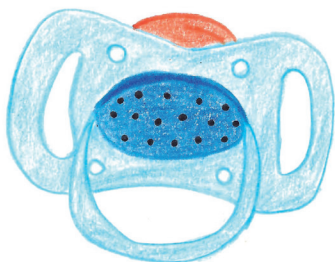
- Bom dia. – respondem todos.

É sempre assim. Depois que Ricardo vai embora Clara fica com um olhar triste, Larinha fica chateada por nem receber um “bom dia” só para ela e João continua comendo e sujando as mãos com cereais. A babá de João ainda tenta limpá-lo, mas é sempre em vão. O menino de dois anos adora sentir e mergulhar as mãos no seu pratinho com cereais antes de comê-los.

Depois de tomar o café da manhã, Larinha se

levanta da mesa e vai terminar de se arrumar em seu quarto. Antigamente sua mãe a ajudava a terminar de se arrumar. Clara penteava seu cabelo, escovava seus dentinhos, às vezes até contava uma historinha rápida para Larinha antes da van chegar. Agora as coisas eram diferentes. Larinha penteava seu próprio cabelo, escovava seus próprios dentes e, quando sobrava tempo, ela lia uma historinha rápida antes da van chegar. Enquanto isso, mal dava sete horas da manhã, Clara saía da mesa e já ia direto para o computador. A mãe da Larinha passa o dia todo no computador. Durante oito horas ela trabalha, mas mesmo assim fica mais tempo para poder olhar suas redes sociais, sites de compras coletivas, sites de produtos tecnológicos e ler algumas reportagens em sites de notícias. Quando Larinha era mais nova, Clara não trabalhava em casa. A mãe costumava trabalhar em um escritório no centro da cidade igual a Ricardo. Larinha preferia essa época, parecia que Clara dava mais atenção e ficava menos no computador. Às vezes é porque também ainda não tinha nascido o João.

Quando o irmãozinho de Larinha nasceu Clara passava o tempo todo com o menino, o que fazia a pequena sentir raiva. João pra cá, João pra lá, todo mundo queria ficar perto do João. Agora ele era o rei da casa, só por ser o menorzinho. Todo mundo dava



atenção para o João. Aos poucos, porém, a raiva do irmãozinho foi passando, ainda mais porque com o passar do tempo Larinha foi se aproximando daquele bebê babão. Ela ainda sentia um pouco de ciúmes, mas não era pra tanto, já que agora quem roubava toda a atenção da mãe era aquela bugiganga na sala do escritório.

A família Formiga mora em uma casa linda com um jardim florido e as grades brancas. Larinha gosta de morar ali. No jardim ela consegue passar horas vendo as libélulas bebendo água da fonte que a mãe mandou construir. Larinha, inclusive, criou uma personagem uma vez chamada Dona Libélula em um dos seus desenhos. A menina gostava de imaginar que seu jardim era encantado, que nele havia duendes e Dona Libélula sabia exatamente onde eles se escondiam e ficavam. A babá do João também gosta de levar o menino para passar um tempo no jardim. Ela deixa ele se divertir e correr atrás dos insetos enquanto fica sentada ao lado de Larinha que fica desenhando.

Na casa da família Formiga ainda existe mais um membro. Quando Larinha e Alice deixaram de ser

amigas, os pais de Larinha acharam a menina muito triste e resolveram fazer uma surpresa pra ela. Clara detestava cachorro por conta de uma mordida que ela levou de um pincher quando criança, já Ricardo tinha alergia a pêlo de gato. Os dois resolveram então ir a um Pet Shop bem grande que tinha no centro da cidade. Essa loja de animais era enorme e tinha quase todo tipo de animal. O casal passou pela sessão de aves, mas Clara morria de dó só de pensar nos pássaros em suas gaiolas sem poder voar livremente. Ao passar pelos peixes, Ricardo ficou empolgado. Desde novo ele adorava um aquário, principalmente se o aquário tinha uma variedade enorme de peixes. Clara, porém, já foi logo cortando o marido falando que peixes eram sem graça e que a filha deles não ia gostar muito de receber um presente desses. Foi quando eles acharam exatamente o que eles estavam procurando.

Ao chegarem em casa, Larinha estava em seu quarto lendo quando o casal a chamou para a sala. A menina desceu correndo para a sala e viu os pais com uma coisa enorme sobre o chão, coberta por um pano colorido.

- O que é isso? – perguntou Larinha curiosa.
- Eu e seu pai achamos que seria legal te dar um presente. – respondeu a mãe sorrindo.
- Sabemos o quanto você está triste por Alice não ser mais sua amiga, filha. – disse o pai.

- Por isso achamos que seria legal se você tivesse um novo amigo. – a mãe falou mais empolgada.
- Como assim? Tem uma pessoa aí dentro? – a menina perguntou quase que em choque.
- Não, meu bem. – Ricardo respondeu soltando umas risadas.
- Tem um... – Clara fez um suspense e levantou o pano colorido – Hamsterrrrr!!!! – a mãe respondeu revelando o presente da menina.

Larinha ficou impressionada, nunca tinha tido um animal de estimação. A menina foi correndo para a gaiola ver de perto o presente que havia acabado de ganhar. Enquanto isso os pais de Larinha se olhavam orgulhosos do que haviam feito.

- Mãe, pai, muito obrigada!!! – gritou a menina abraçando os dois.
- De nada, filha. – eles responderam.
- Eu tenho um hamster, eu tenho um hamster, eu tenho um hamster. – ficou cantarolando a menina enquanto dançava no meio da sala.
- Que nome você vai dar para ele, Larinha? – perguntou a mãe.

A menina olhou para os pais, olhou para a gaiola, sentou no meio da sala e começou a pensar. Larinha olhou em volta da sala para ver se alguma coisa a

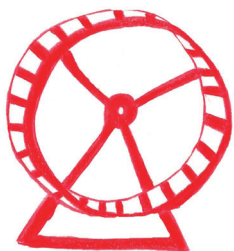
ajudava a ter alguma ideia de nome, mas não conseguiu pensar em nada. Vendo o incômodo que a filha estava passando, Ricardo falou:

- Calma, filha. Você não precisa dar um nome agora. Depois você pensa com calma e coloca um nome bem legal.

- Tá bom. – respondeu Larinha um pouco entristecida.

Larinha ficou três dias pensando e procurando em seus livros algum nome para dar para o hamster. Foi somente no quarto dia que ela encontrou o “nome perfeito”. Era um sábado de sol e toda a família Formiga estava em casa. Larinha estava no jardim lendo seu gibi favorito quando viu uma palavra que achou super interessante, “pindarolas”. “Pindarolas!” o personagem principal do gibi havia exclamado. Larinha achou aquela palavra muito divertida.

- Pindarolas... Pindarolas... Pindarolas... – a menina ficou murmurando a palavra várias vezes. – Já sei! – a menina gritou e saiu correndo para contar para os pais.



- Sr. Pindarolas. – ela respondeu esperando para ver a reação dos pais.

- Sr. Pindarolas? – perguntou Ricardo.

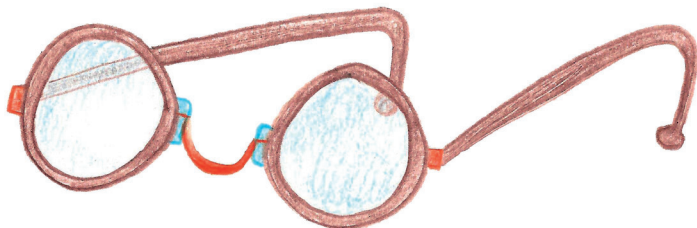
- Isso! – respondeu Larinha com um leve receio deles não gostarem.
- Eu gostei! Sr. Pindarolas. – respondeu a mãe.
- É um nome diferente. – respondeu o pai.
- Meu amor, Sr. Pindarolas é perfeito. – Clara olhou feio para Ricardo.
- Sim, sim. Como pude deixar de perceber. Sr. Pindarolas é ótimo. – Ricardo respondeu sorrindo para Larinha.
- Uhull!!! – a menina gritou.

Dessa vez era oficial, Larinha tinha um novo amigo para chamar de seu e a família Formiga seu mais novo membro: Sr. Pindarolas Formiga.

Capítulo 3

Casa de Vó, não tem coisa melhor!

Apesar dos pais de Larinha acharem a menina muito quieta, introvertida e sem amigos, Larinha não se sentia assim. Ela tinha uma melhor amiga e para ela aquela era a melhor amiga do mundo, Dona Joaninha. Dona Joaninha é a avó da Larinha, mãe da Clara. Ela é um amor de pessoa, toda meiga e doce. Gosta de passar várias horas com os netos, gosta de brincar, desenhar e ler com Larinha. Sem contar os passeios que a avó faz com os meninos. Dona Joaninha leva Larinha e João para todo canto. Ela vai com eles para um parque grande que há na cidade, para o zoológico, para parques de diversão, para o parquinho na quadra deles, entre



vários outros lugares que ela acha que seria bom para os dois.

Dona Joaninha, porém, não é do tipo de vó que gosta de agradar seus netos dando presentes e levando os meninos para comerem em restaurantes fast-food. Joaninha se preocupa com os meninos e, principalmente, com as crianças de hoje em dia. Ela acha que a infância está cada vez mais perdida, que as crianças estão agindo cada vez mais como adultos e menos como crianças. Os pequenos agora têm celular, tablet, roupas, sapatos e tênis que parecem de adulto. Toda hora é computador ou televisão. Isso deixa Joaninha com medo de como Larinha e João crescerão, pois ela acha que a infância é uma etapa importante na vida dos netos. Uma vez ao buscar Larinha na escola, João não era nem nascido ainda, a avó da menina ficou assustada com o que viu. Poucas eram as crianças que estavam jogando bola ou com algum brinquedo, quando muito, eram as mais novas. As mais velhas estavam mexendo em celulares, jogando em tablets e videogames portáteis. Por isso desde que Larinha era bem pequena, Dona Joaninha fazia questão de ensinar à menina coisas que ela fazia quando criança.

Desde que Larinha tinha quatro anos, sua avó a ensinou a ler, brincar de amarelinha, pique e esconde, pega ladrão, todas as brincadeiras que a avó gostava

quando criança. Joaninha também ensinou a menina a desenhar, pois a avó adorava pintar panos de prato e bordar toalhas. Larinha com seis anos já estava lendo, escrevendo, desenhando, tudo o que fazia uma avó se encher de orgulho. Dona Joaninha estava cada vez mais segura de que a neta aproveitaria bastante a sua infância.

Foi quando Alice apareceu que Dona Joaninha ficou mais empolgada, a avó estava começando a se sentir como uma heroína da infância. Agora ela poderia ensinar brincadeiras que ela sabia quando criança para a neta e sua amiga. Aos poucos, porém, a avó percebeu que Alice não se parecia muito com Larinha. Alice não tinha muita paciência para desenhar e quando as duas pegavam um livro para ler, a menina sempre tinha preguiça e pedia para a amiga ler para ela as histórias. Dona Joaninha começou a achar Alice cada vez mais diferente da neta e para ela não foi uma surpresa quando soube que as duas não eram mais amigas. Ainda mais depois que a avó descobriu que a menina havia ganhado um celular. Joaninha, assim como Larinha, ficou muito chateada. Alice e Larinha só tinham oito anos, a avó não achava certo dar um presente desses para uma criança. Os pais da menina deveriam ter esperado ela ficar um pouco mais velha.

Dona Joaninha percebeu a tristeza da neta ao

perder uma amiga. Alice e Larinha por dois anos foram inseparáveis. A tristeza da neta, porém, não chegou a durar muito tempo. Dona Joaninha nunca se esqueceu do dia em que a neta entrou correndo em sua casa segurando uma gaiola enorme com um hamster dentro.

- Vó, vó, vó, vó, vó... – a menina gritou enquanto corria pela casa procurando a avó.

- Oi, meu bem! – gritou a avó da cozinha.

Larinha entrou na cozinha quase tropeçando na gaiola enorme que ela segurava contra a barriga. Dona Joaninha abriu um sorriso e foi abraçar a menina.

- Larinha, você ganhou um hamster! – Joaninha exclamou.

- Vó, ele é lindo. Olha pra ele. – Larinha não conseguia conter sua emoção.

- Ele é lindo mesmo, minha flor. Qual o nome dele? – perguntou a avó.

- Sr. Pindarolas Formiga, mas eu prefiro só Sr. Pindarolas. – respondeu a menina.

- Prazer, Sr. Pindarolas. – Joaninha falou enquanto tentava acariciar o hamster pela grade.

- Tenho certeza que o Sr. Pindarolas tá feliz em te conhecer. – Larinha disse sorrindo para a avó.

Sr. Pindarolas passou a ser um freqüentador

assíduo na casa de Dona Joaninha e a avó adorava isso. Larinha realmente estava feliz e considerava o animal seu mais novo amigo. A avó resolveu então também tratar o hamster como seu mais novo amigo para que a neta não se sentisse triste por não ser mais amiga de Alice. Quando Larinha chegava com o Sr. Pindarolas era a maior festa. As duas abriam sua gaiola e deixavam o hamster correr solto pela casa. Dona Joaninha, inclusive, havia montado com a ajuda da neta um parque de diversões de papelão para o hamster brincar. Sr. Pindarolas adorava ficar subindo nos obstáculos de papelão e as duas, agora também acompanhadas de João, se divertiam ao ficar olhando o hamster e suas peripécias.

Três vezes por semana a avó buscava João e Sr. Pindarolas na casa da filha e Larinha na escola para que eles passassem a tarde com ela. Assim que eles chegavam na casa de Dona Joaninha, Larinha ia fazer o dever de casa na mesa da cozinha enquanto a avó fazia o almoço e João ficava em sua cadeirinha rabiscando uns papeis. Às vezes Joaninha parava o que estava fazendo para ajudar Larinha com alguma dúvida e entregar um copinho com suco e um pratinho com biscoitos para João. Ao terminarem o almoço, os três iam pro quarto da avó onde Joaninha lia um conto de fadas para os dois e colocava João para tirar uma soneca em seu berço.

Larinha adorava os livros de contos de fadas da avó, um conto era mais legal que o outro, e as histórias favoritas da menina eram Peter Pan, Alice no País das Maravilhas e A Pequena Sereia. Às vezes dava até briga porque João sempre queria ouvir a história dos Três Porquinhos. João então dormia e as duas iam para varanda onde Larinha ficava desenhando enquanto a avó ficava fazendo crochê.

Quando o tempo estava muito quente, Larinha, ao invés de desenhar, pulava e brincava na piscina da avó enquanto Dona Joaninha ficava lendo em uma cadeira na beira da piscina. Larinha adorava ficar imaginando que do fundo da água apareceria uma sereia, mesmo sabendo pelas histórias que tinha lido que as sereias eram criaturas do mar. O sonho da Larinha era encontrar uma sereia na piscina da avó ou de quem quer que fosse. As lendas diziam que as sereias eram as criaturas com as vozes mais lindas do mundo e o sonho da menina era ouvir e aprender com uma delas a cantar.

Um dia, ao desenhar na varanda com a avó,





Larinha perguntou:

- Vó, você acredita em duendes?
- Por que a pergunta, minha flor? – curiosa, a avó perguntou.
- Porque eu acredito. Gosto de pensar que no jardim lá de casa tem duendes e que eles gostam de ficar escondidos. Acho que eles gostam de esconder as nossas coisas também. – a menina respondeu ao ficar olhando para o jardim da avó.
- Como quando você perde uma meia, uma liguinha de prender o cabelo e coisas assim?
- Sim! – respondeu a menina empolgada.
- Eu acredito. – disse a avó sorridente.
- Eu queria ver um duende um dia. Eu ia pedir para ele devolver tudo o que ele já pegou que é meu. – com essa resposta a avó pôs-se a gargalhar.
- O que foi, vó?
- Você está certíssima, Larinha. Também não acho justo eles pegarem nossas coisas.
- Vó? – a menina continuou.
- Sim, Larinha.
- Sabe o que eu queria que existisse?
- O que, meu bem?
- Um mundo cheio de doces e seres encantados. Ia ser muito legal.
- Ia mesmo, minha linda. – respondeu a avó ao

continuar seu crochê.

Assim é a pequena Larinha. Uma criança encantadora que adora imaginar e Dona Joaninha não vê nada de errado nisso. Afinal, Larinha é apenas uma criança.

Capítulo 4

o presente indesejado

No dia do aniversário de dez anos de Larinha, a menina acordou pulando de alegria. Pela primeira vez na vida Larinha iria escrever sua idade com dois números, o número “um” e o número “zero” do lado. Como Larinha estava feliz com isso. Mal saiu da cama, a menina já foi correndo para escrever em uma folha de papel: “Meu nome é Lara Formiga e eu tenho 10 anos”. A menina entrou no banho e ficou repetindo essa mesma frase mil vezes enquanto se enxaguava.



Ao terminar de colocar seu uniforme, Larinha desceu correndo para tomar café da manhã. Assim que chegou na cozinha toda sua família, inclusive, Dona Joaninha e Sr. Pindarolas estavam à sua espera.

- Parabéns!!! – todos gritaram enquanto Ricardo acendia duas velas em cima de um bolo.
- Duas velas!!! – gritou Larinha.

- Sim! Agora minha netinha tem dez anos. – disse a avó sorridente.

Larinha foi correndo para os braços da avó enquanto todos começaram a cantar “Parabéns pra você”. Antes de Larinha apagar as velas, a família falou para a menina fazer um pedido. Larinha então desejou que todos seus sonhos se realizassem e soprou a vela com o número “um” primeiro e depois a com o número “zero”. Agora vinha a melhor parte, a hora de abrir os presentes. Larinha adorava aniversários por conta disso, todo ano ganhava vários presentes. Seus pais gostavam de caprichar, davam sempre mais de um presente. No ano anterior, Larinha tinha ganhado um livro de contos de fadas, um estojo com mais de trinta lápis de cor, um brinquedo para o Sr. Pindarolas e uma saia de bolinhas. Larinha gostou tanto da saia de bolinhas que usava ela quase sempre.

No dia do aniversário de dez anos de Larinha, porém, alguma coisa não parecia normal. Na mão de Ricardo só havia um pequeno presente e no colo da mãe só estava o João. Dona Joaninha quis entregar seu presente primeiro. A avó havia comprado duas coisas para a neta, um novo caderno de desenho e uma caixa especial de giz de cera com mais de 64 cores. Larinha A-D-O-R-O-U o presente da avó! O caderno de desenho era lindo, ele era de capa dura e tinha escrito em letras

douradas “Lara Formiga” e “10 anos” embaixo. Como a menina estava feliz por receber algo tão bonito e personalizado! Quando foi a vez dos pais entregarem o presente que estava na mão do Ricardo, Larinha teve uma surpresa MUITO desagradável. Assim que Larinha tirou o embrulho, pareceu que ela tinha ganhado um potinho com cocô de tanta raiva que ela ficou.

- UM CELULAR?! – a menina gritou.

- Filha, esse celular é maravilhoso. *Touch screen*, tem vários joguinhos, dá pra você instalar uns aplicativos pra você tirar fotos e conversar com a mamis. – respondeu Clara toda entusiasmada com o presente da filha.

- QUEM DISSE QUE EU QUERIA UM CELULAR? – Larinha gritou chorando.

- Meu bem, você já está virando uma mocinha. Tava passando da hora de você ter um celular. – respondeu Ricardo em um tom sério.

- EU NÃO QUERO! – a menina berrou com raiva e saiu correndo para o quarto.

Larinha não conseguia acreditar. Um celular? Um celular? Larinha nunca quis um celular. Pra quê ter um celular? Seus pais sempre sabiam onde ela estava e sua avó nunca precisou nem usar o telefone para encontrar



a menina. Como Larinha estava com raiva. A menina não tinha amigos justamente por eles só usarem o celular. Os professores reclamavam toda hora porque todo mundo só ficava no celular. Quase todo dia alguém tinha que deixar o celular na mesa da professora por ficar mexendo durante a aula. Até mesmo sua avó tinha achado terrível a história de Alice ganhar um celular com apenas oito anos. Foi quando Larinha escutou duas batidas na porta do seu quarto.

- Me deixa em paz! – a menina respondeu chorosa.
- Larinha, é a vovó. – falou Joaninha.
- Entra. – a menina respondeu relutante.
- Meu bem, fica assim não. – a avó abraçou a menina enquanto esta chorava em sua cama.
- Mas, vó, eu não gosto de celular! Eu não quero um celular! Pra que isso?
- Minha flor, o mundo não vai acabar porque você ganhou um celular. Você nem precisa usá-lo se não quiser. Seus pais só acharam que seria legal você ter um já que todo mundo da sua sala tem.
- E por isso eles não são meus amigos! – esbravejou a menina.
- Minha florzinha, se acalme. Ganhar um celular não é a pior coisa do mundo. Você tá crescendo e você é uma menina muito linda e muito madura para a sua idade. Você sabe quando pode e quando não pode usar

um celular e quantas vezes o celular pode atrapalhar uma conversa ou uma explicação na sala de aula. Tenho certeza que você vai saber usar seu celular muito melhor do que os seus colegas.

- Eu não queria um celular. – a menina continuou chorosa.

- Faz o seguinte, só use seu celular quando você tiver vontade. Se você não quiser ter um celular agora, então deixe-o no seu armário. Quando você se sentir preparada para usá-lo, aí você tira ele do armário.

Larinha ficou satisfeita com a ideia da avó. Só porque ela tinha ganhado um celular não queria dizer que ela precisava usá-lo. Larinha então desceu para a cozinha, pegou a caixa com o celular e a deixou em seu armário. A menina decidiu que não conversaria mais com os seus pais durante o dia. À noite todos foram jantar na casa de Dona Joaninha, mas Larinha continuou sem falar com os pais. Ela só pensava em uma coisa: o quanto ela queria que seus pais desaparecessem. Ao voltar para casa, seus pais ainda tentaram puxar conversa no carro:

- Filha, não fique chateada. Ter um celular pode muitas vezes te ajudar. Já pensou se acontece um acidente na rua e não tem um orelhão por perto? – comentou Clara.

- É, filha. Muitas pessoas já passaram por um perrengue por esquecer o celular em casa. – o marido concordou.

- Um celular pode aproximar as pessoas também. Com ele você pode mandar mensagens, fotos para os amigos ou parentes e o mais importante, você pode ligar para alguém que mora ou tá longe de você. – a mãe continuou.

- Vocês nunca perceberam que celular é pra adulto, não? Eu tô sempre ou na escola, ou na van, ou em casa ou na casa da vovó. Eu não fico na rua sozinha, eu não sou amiga dos meus colegas. Por que eu vou ter um celular? – resmungou a menina.

- Para você fazer amigos também. – respondeu a mãe.

- A vovó e o Sr. Pindarolas são meus amigos. Eu não preciso de mais amigos! Eu não quero mais amigos! Agora me deixem em paz! – reclamou Larinha.

Ao chegarem em casa, Larinha foi correndo para o seu quarto. Antes de dormir ela ficou repetindo: “Eu quero que meus pais desapareçam. Eu quero que meus pais desapareçam. Eu quero que meus pais desapareçam”. No dia seguinte, quando Larinha acordou lá estavam seus pais na cozinha. Ricardo saindo apressado, como sempre, e Clara tomando um copo de suco enquanto lia o jornal. “Aff”, Larinha pensou. Seu



sonho não tinha se realizado.

À noite quando voltou da casa de Dona Joaninha com a avó e o irmão, lá estavam os pais de novo. Mais uma vez Larinha bufou. Antes de dormir ela ficou repetindo a mesma coisa: “Eu quero que meus pais desapareçam. Eu quero que meus pais desapareçam. Eu quero que meus pais desapareçam”. No dia seguinte, quando Larinha acordou lá estavam seus pais na cozinha de novo. Larinha estava começando a ficar chateada porque seu pedido de aniversário não estava se realizando. Ainda mais quando a menina acordou no dia seguinte e seus pais estavam novamente na cozinha tomando café da manhã.

- Não se esqueça do compromisso que temos hoje à noite. – gritou Clara para o marido que já estava na garagem.

- Não vou me esquecer não. Tchau, meu bem! Te amo!

- gritou Ricardo da garagem.

- Tchau! Também te amo! – respondeu a mulher, que se voltou para Larinha que estava entrando na cozinha. – Bom dia, minha linda. Você está melhor hoje?

- Não. – respondeu a menina.

- Larinha, precisamos conversar. O que tá acontecendo? Fala pra mamãe. – Clara insistiu.

- Mãe, eu não quero mais falar com você ou com

o papai. Vocês sabem que eu não gosto de celular, computador, todas essas coisas. Só falta ano que vem vocês me darem de presente outra coisa que eu odeio. - Minha filha, chega, né?! – reclamou a mãe. – Eu e seu pai nos preocupamos com você e com o seu crescimento. Você não tem amigos, você passa o dia inteiro desenhando e lendo, e eu não acho isso ruim, mas também não acho isso normal. As crianças da sua idade estão saindo com os amigos para o shopping, estão conversando e brincando pelo computador. Acho que já está passando da hora de você ficar bancando a “do contra” e perceber que se você continuar desse jeito você vai crescer sozinha e sem amigos. E eu não quero menino bobo fazendo bullying com a minha filha. Então trate de encarar o mundo de outra forma.

Duas lágrimas escorreram pelo rosto de Larinha. Clara havia dado uma bronca feia nela. Agora mais do que nunca a menina desejou que seu sonho tivesse se realizado. Tudo o que ela queria era sumir daquele mundo e que seus pais nunca mais existissem. Larinha entrou na van escolar toda tristonha e chorosa. A tia da van perguntou se estava tudo bem, mas a menina nem quis responder. Assim que ela chegou na escola, um menino nerd, que sentava na sua frente na sala de aula, percebeu que ela estava triste e perguntou se Larinha

queria conversar. Larinha fez que não e foi chorar no banheiro.

Quando bateu o sinal do último horário, Dona Joaninha estava esperando Larinha no portão com João no colo. Larinha ficou calada o caminho inteiro até a casa da avó. Os únicos sons no carro eram um CD musical de uma galinha famosa que o irmão de Larinha gostava e a voz estridente de João ao tentar acompanhar as músicas. Assim que Larinha chegou na avó, ela tirou o dever de casa da mochila e foi se sentar calada à mesa da cozinha. Dona Joaninha sabia o que tinha acontecido, pois havia ligado para a filha pela manhã. Ela resolveu esperar a netinha ficar melhor e vir puxar o assunto, antes de tomar qualquer atitude. Larinha, porém, havia feito um voto de silêncio no dia. Ela decidiu que não iria conversar com ninguém até ficar melhor.

Capítulo 5

Quer dizer que meu sonho se realizou?

No caminho para a casa da família Formiga, Dona Joaninha começou a ficar verdadeiramente preocupada com a neta. A avó nunca tinha visto Larinha tão abatida daquele jeito. Mesmo assim, para evitar confusão, Dona Joaninha resolveu deixar Larinha quietinha até que ela ficasse melhor. Ao estacionar em frente à casa da filha, Dona Joaninha percebeu que o casal não estava em casa. Já estava de noite e todas as luzes estavam apagadas. Ainda bem que Dona Joaninha tinha uma chave, se não eles teriam que voltar os três pra casa dela e a casa da avó não era muito perto dali.

Ao entrarem na casa tudo parecia estar normal, tirando umas sacolas no meio da sala. Talvez Clara tivesse ido ao shopping durante a tarde. Larinha resolveu subir para seu quarto e tomar um banho enquanto Dona Joaninha fazia o jantar. A babá do João já tinha ido embora e, pelo visto, não havia deixado nada para os meninos comerem. Quando Larinha terminou seu banho e desceu para a cozinha, a avó parecia estar apreensiva ao telefone. Larinha não conseguiu ver se

a avó estava falando com alguém ou se estava esperando uma pessoa no outro lado da linha atender. A menina resolveu sentar-se à mesa e a avó desligou o telefone.



- Acredito que seus pais só vão chegar mais tarde. – comentou Dona Joaninha.
- Tudo bem. – respondeu a menina.
- Fiz um jantar especial. É a comida que vocês mais gostam. – a avó tentou animar a menina.
- Legal. – Larinha não reagiu da forma que a avó esperava.
- Minha flor, você quer conversar? – perguntou a avó preocupada.
- Não, tá tudo bem, vó. – a menina falou ao ir se servir.

Os três comeram em silêncio e assim que terminaram o jantar Dona Joaninha foi dar um banho em João para colocá-lo para dormir. Larinha foi para o seu quarto continuar rabiscando em seu novo caderno de desenho. A menina estava se sentindo um pouco mal pela forma que estava tratando a avó, mas ela não estava com vontade de conversar com ninguém sobre o que tinha acontecido de manhã. Ela ainda estava com muita raiva pelos pais terem dado

aquele “maldito” celular pra ela de presente. Celular, celular, celular, Larinha só conseguia pensar nisso. A menina resolveu tirar Sr. Pindarolas da gaiola e brincar com o hamster para ver se conseguia se distrair.

Eram quase dez horas da noite quando Dona Joaninha abriu a porta do quarto da neta para ver se ela já estava dormindo. A avó viu que Larinha estava brincando com Sr. Pindarolas em sua cama e resolveu deixar a menina ficar acordada por mais um tempinho. Dona Joaninha desceu as escadas e decidiu continuar seu crochê na cozinha enquanto esperava dar a hora de colocar a neta para dormir. Mesmo brincando de cobrir o hamster com as mãos e criar obstáculos para ele pular, Larinha não conseguia parar de pensar no celular que estava no armário e se seu sonho tinha mesmo se realizado. A menina deixou Sr. Pindarolas em sua cama e decidiu que iria abrir o armário para dar uma olhada no seu presente de aniversário.

Larinha tirou o celular da sua caixinha e apertou o botão de ligar. Apesar de odiar tecnologia, Larinha sabia mexer em computador e celular, afinal, na escola ela tinha aula de informática e a menina já havia usado várias vezes o celular da mãe para ligar para o pai, mandar mensagem para a avó enquanto Clara estava dirigindo. Assim que o celular ligou, Larinha notou que ela havia recebido várias mensagens. Ela estava com

o celular em sua mão, pronta para ler as mensagens quando Dona Joaninha abriu a porta do quarto para avisar a neta sobre a hora. Assim que a porta se abriu Sr. Pindarolas pulou da cama e saiu correndo para fora do quarto. Larinha escondeu o celular no bolso, para que sua avó não visse que ela estava curiosa em relação ao seu presente, e foi correr atrás do hamster fugitivo.

- Vó, o Sr. Pindarolas! – Larinha gritou.

- Desculpa, minha flor. – disse a avó tentando acompanhar a neta na busca pelo hamster.

Sr. Pindarolas desceu as escadas correndo e Larinha tentou não tropeçar ao tentar se abaixar para pegar o hamster.

- Sr. Pindarolas!!!! Para!!!! – gritava a menina.

- Calma, Larinha. Todas as portas estão fechadas, ele não vai sair de casa. – a avó tentou acalmar a menina enquanto descia as escadas com calma.

Larinha viu o Sr. Pindarolas ir em direção à sala de estar e a menina continuou correndo para tentar alcançá-lo. Assim que ela chegou na sala de estar, Larinha viu Sr. Pindarolas correndo feito um doido em volta das sacolas de compras da mãe. Foi então que algo inusitado aconteceu: Sr. Pindarolas tinha acabado de pular para dentro de uma das sacolas. Larinha não

consequia acreditar no que ela tinha visto. Ela não sabia que seu hamster conseguia pular tão alto. Larinha parou por um momento, chegou até a esfregar os olhos para ver se não estava sonhando e correu em direção à sacola. Ela ajoelhou perto da sacola e enfiou sua mão para pegar o hamster, mas a sacola estava vazia e pior... Parecia não ter fundo! Larinha se debruçou sobre a sacola para ver se alcançava o fundo da sacola, mas mesmo assim não conseguia sentir nada. Larinha se debruçou mais ainda sobre a sacola quando, de repente, ela caiu.



Capítulo 6

Doces, duendes, pôneis e sereias



Larinha parecia estar caindo em um buraco sem fim. O que estava acontecendo? “Onde estou?” a menina pensou. Estava tudo muito escuro, Larinha não conseguia enxergar um vulto sequer. Ela só conseguia cair, cair, cair e cair até que aos poucos Larinha começou a passar por luzinhas flutuantes. Agora Larinha conseguia

enxergar melhor onde estava. Nas paredes do buraco a menina viu algumas fotografias de crianças, imagens de duendes, sereias e libélulas. Assim que Larinha olhou para o lado, viu Sr. Pindarolas segurando um guarda-chuvinha para não cair tão depressa.

- Sr. Pindarolas! – exclamou a menina.
- Larinha! – o hamster respondeu.

O HAMSTER RESPONDEU? SR. PINDAROLAS CONSEGUIA FALAR?

- Sr. Pindarolas! Você consegue falar. – Larinha estava espantada.

- Sim, Larinha. Por que a surpresa? – perguntou o bichinho.

- Eu não sabia que você conseguia falar, ou melhor, eu nunca vi um hamster falar.

- Para tudo tem uma primeira vez, não é mesmo? – o hamster falou ironicamente.

- Sr. Pindarolas, onde a gente tá?

- Eu não sei, Larinha. Eu nunca tinha entrado em uma sacola antes.

- Mas eu vi você pulando para dentro da sacola! Achei que você sabia para onde você tava indo.

- Eu tava seguindo uma luzinha, quando vi, a luzinha entrou na sacola e eu resolvi pular atrás dela.

- Eu nem vi essa luzinha. É uma dessas aqui? – apontou a menina para as luzinhas flutuantes.

- Acho que sim. – respondeu o hamster intrigado.

Os dois continuaram caindo, caindo e caindo no buraco que não parecia ter fim. Até que eles viram uma luz amarela no final do buraco.

- Sr. Pindarolas, estou vendo uma luz.

- Eu também, Larinha!

- Será que a gente tá chegando no final do buraco?
- Acho que sim.
- Sr. Pindarolas, o que tem no final do buraco?
- Eu não sei...
- Sr. Pindarolas e se a gente morrer?! – a menina perguntou assustada.
- Morrer?! – até o hamster se assustou.
- Se a gente cair no chão a gente não vai morrer??? – Larinha começou a se desesperar.
- Meu Deus! A gente vai morrer!!!! – começou a gritar o hamster.

“AHHHHH!!!!”

Os dois estavam gritando quando, de repente, em vez de caírem no chão os dois sentiram que haviam caído em uma... Cama elástica? “AHHHHH!!!!” os dois continuaram gritando ao serem lançados para longe da cama elástica. Larinha e Sr. Pindarolas pareciam até que sabiam voar depois de todo esse tempo no ar. “SOCORROOO!!!!” os dois gritaram, mas tudo acabou quando os dois caíram em cima de um chão macio, gelado e cor de rosa. Larinha nunca tinha visto neve, mas não se lembrava de neve ser cor de rosa.

- Eu sempre achei que neve fosse branca. – a menina estranhou.

- E eu nunca ouvi falar em neve. – o hamster comentou.

Larinha levantou e colocou Sr. Pindarolas em seu ombro, que deixou seu guarda-chuvinha quebrado no chão. Os dois pareciam estar em cima de uma montanha e eles decidiram andar para ver se encontravam alguma coisa ou alguém naquele estranho lugar. Larinha e Sr. Pindarolas avistaram à frente o que parecia ser o topo da montanha. Os dois resolveram seguir até o topo para ver se conseguiam se localizar ou pelo menos ver se havia algum lugar com pessoas por perto. Assim que eles chegaram no topo da montanha cor de rosa eles encontraram o que parecia ser uma casa vermelha e redonda. Os dois se aproximaram do lugar e tentaram encontrar uma porta ou janela, mas não conseguiram. Aquela casa vermelha e redonda às vezes não era uma casa vermelha e redonda. Sr. Pindarolas, de repente, começou a inspirar intensamente.

- O que foi, Sr. Pindarolas? –Larinha se assustou.
- Estou sentindo um cheiro diferente.
- Cheiro de quê?
- Você não tá sentindo esse cheiro doce? – o hamster perguntou.
- Tô, mas não sei de onde é.
- Eu também não. Espera um pouco.

Sr. Pindarolas pulou do ombro da menina para dar uma volta naquela casa esquisita e redonda. Assim que ele caiu no chão, a neve entrou em sua boca sem querer, e Sr. Pindarolas sentiu um gosto maravilhoso.

- Larinha, a neve é doce! – o hamster gritou enchendo a boca com mais neve.

- A neve é doce? – estranhou a menina.

- Sim! Prove um pouco.

Larinha colocou um pouco de neve nas mãos e fez uma bolinha para dar uma mordida. Assim que Larinha sentiu o gosto da bola de neve tudo começou a fazer sentido. Aquilo não era neve coisa nenhuma. Quem disse que existia neve cor de rosa?

- Sr. Pindarolas, isso é sorvete de morango!

- Sorvete de morango?!

- Sim!!! – a menina exclamou. – Estamos em uma montanha gigante de sorvete de morango.

- Caramba! Quanto sorvete!!! – o hamster gritou.

- E eu aposto que essa casa vermelha e redonda não é uma casa.

Os dois tiveram a mesma ideia ao mesmo tempo. Larinha e Sr. Pindarolas morderam a parede vermelha da casa e confirmaram exatamente o que eles estavam pensando: uma CEREJA! Os dois estavam no topo de



uma montanha de sorvete de morango em frente a uma enorme cereja. Aquilo parecia um sonho, aquilo só podia ser um sonho. Larinha e Sr. Pindarolas não conseguiram se conter de tanta felicidade. Os dois continuaram comendo o sorvete de morango e mordendo pedaços da cereja gigante até não agüentarem mais. Depois de quase uma hora comendo, antes de tentar descobrir aonde eles estavam, Larinha e Sr. Pindarolas decidiram deitar e descansar um pouco enquanto faziam a digestão daquela quantidade enorme de sorvete.

Larinha e Sr. Pindarolas estavam olhando para o céu azul e cheio de nuvens quando viram um lindo arco-íris. Ao tentar acompanhar onde o arco-íris começava e terminava, eles perceberam que o arco-íris era na verdade o rastro luminoso de um objeto voador. Que estranho! Larinha e seu hamster nunca tinham visto nada parecido ao olharem o céu deitados no jardim de casa. Se bem que, o que era um rastro luminoso esquisito, quando os dois estavam deitados em uma montanha de sorvete de morango ao lado de uma cereja gigante? Ao tentarem identificar o que estava deixando aquele rastro lindo de cores, Larinha e Sr. Pindarolas viram o que parecia ser um cavalo voador. Um cavalo voador?

- Você viu o mesmo que eu? – perguntou a menina pro Sr. Pindarolas.

- Vi sim.

- Aquilo era?
- Sim... Parecia um cavalo voador.- nem mesmo o hamster estava acreditando no que tinha visto.

Os dois estavam tentando entender o que viram quando o “cavalo voador” pousou bem na frente deles. Só que o cavalo voador não era grande como um cavalo, o cavalo voador era na verdade um pônei! E em cima do pônei - Larinha não conseguia acreditar no que ela estava vendo! - havia um duende. UM DUENDE! Um dos sonhos da menina era ver um duende e ali estava um, em cima do pônei. Larinha olhou para Sr. Pindarolas que percebeu a agitação e a felicidade da menina. Os dois se levantaram da “neve” cor de rosa e o duende sinalizou para que eles subissem no pônei. Larinha e o hamster ficaram um pouco receosos, mas concordaram em subir no pônei voador. Com certeza eles chegariam mais rápido em outro lugar com o pônei e o seu duende do que se fossem a pé.

Assim que levantaram vôo, Larinha e Sr. Pindarolas perceberam que aquele mundo era mesmo bem diferente de tudo o que conheciam. A vista era linda. Além da montanha de sorvete de morango, eles viram o que parecia ser uma montanha de sorvete de chocolate e outra de sorvete de baunilha. Embaixo das montanhas eles viram o que parecia ser uma floresta cheia de doces. Eles viram árvores de pirulitos, picolés, balinhas

carameladas e maçã do amor. Nessa floresta eles viram também várias crianças se divertindo ao provarem aqueles doces gigantes. Perto dali, Larinha e Sr. Pindarolas viram também o que parecia ser um parque aquático cheio de piscinas gigantes e brinquedos. Nas piscinas, Larinha mais uma vez não conseguia acreditar no que estava vendo, sereias e crianças brincavam e cantavam.

- Sr. Pindarolas, você tá vendo o que eu tô vendo? – a menina perguntou empolgada.

- Sim, sereias!

- Sereias, Sr. Pindarolas! Sereias! A gente precisa entrar em uma dessas piscinas depois.

- Mas eu não sei nadar, Larinha. – o hamster falou preocupado.

- Relaxa que eu te ensino. – a menina respondeu rindo.

Mais para frente eles viram um parque de diversões cheio de atrações como montanhas russas, escorregadores gigantes, carrinhos de bate-bate e rolinhos giratórios. O parque também estava cheio de crianças alegres e sorridentes. Uma das atrações, inclusive, tinha pôneis voadores como o que eles estavam montados naquele exato momento. Ao lado do parque de diversões havia ainda um lindo jardim

de flores com um castelo todo colorido em cima de um morro. Larinha estava realmente incrédula. A menina e seu hamster estavam no mundo que ela sempre imaginou.

- Moço, onde a gente tá? – a menina perguntou ao duende. – Moço?

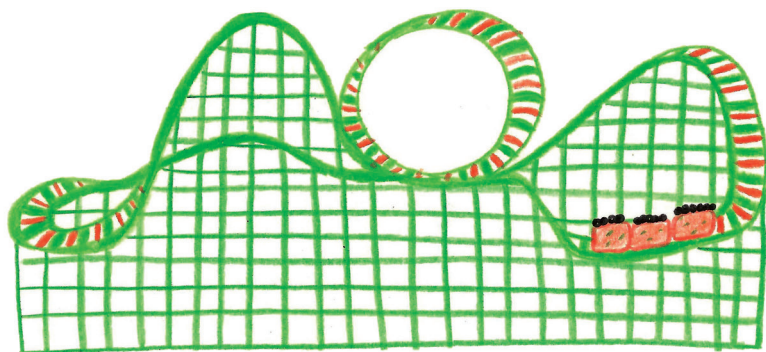
- Duende? – tentou Sr. Pindarolas em vão.

O duende ou não falava ou não queria responder. O pônei aterrissou perto dos outros pôneis voadores e Larinha e Sr. Pindarolas desceram bem animados. A menina mal podia esperar para aproveitar todo aquele mundo que ela tinha agora só pra ela e seu hamster falante. Larinha nem conseguia se lembrar da bronca que havia levado da mãe pela manhã e muito menos do celular que ela estava carregando em seu bolso. Agora eles estavam em um lugar encantado com criaturas mágicas, não tinha nem porquê ficar pensando nessas coisas chatas.

Larinha e Sr. Pindarolas estavam tão animados que se esqueceram de pedir informação e foram logo correndo para brincar em uma das maiores montanhas russas que eles viram no parque. Além das crianças que estavam se divertindo no parque, os dois perceberam que havia mais duendes como aquele que estava pilotando o pônei voador, mas ao invés de brincarem como as

crianças, os duendes pareciam estar trabalhando. Ao subirem na montanha russa, dois duendes cuidavam para que as crianças colocassem os cintos de forma adequada, enquanto outro parecia estar mexendo na mesa de funcionamento do brinquedo. Larinha se sentou no carrinho da montanha russa e colocou Sr. Pindarolas no bolso da camisa do seu pijama para que ele se segurasse direito.

AQUELE BRINQUEDO ERA O MÁXIMO! O carrinho subiu os trilhos numa velocidade extraordinária, fez vários loops, desceu em zigue-zague, teve uma hora que ele até deu um loop ao contrário. Larinha estava adorando. Quem sofreu foi o pobre coitado do Sr. Pindarolas, que ficou tremendo no bolso da menina por um bom tempo depois que os dois desceram do brinquedo.



Larinha queria aproveitar cada segundo naquele parque. Ela e Sr. Pindarolas brincaram nos rolinhos giratórios, escorregaram três vezes nos escorregadores gigantes, andaram em mais de duas montanhas russas e ainda subiram na roda gigante. No bate-bate Sr. Pindarolas ainda foi parar no carrinho de outra criança de tão forte que foi o impacto da batida, mas ninguém se machucou. Larinha até chegou a conversar com duas crianças ao subir as escadas de um dos escorregadores gigantes. Elas se apresentaram como Pipoca e Meleca. A menina e o hamster caíram na gargalhada quando ouviram os nomes, mas as crianças explicaram que naquele mundo você podia escolher o nome que você quisesse. Larinha achou aquilo interessante, mas ela ainda não sabia se queria mudar de nome, então se apresentou como Larinha mesmo.

Pipoca e Meleca falaram que Larinha e Sr. Pindarolas estavam no Mundo da Diversão, um mundo encantado onde crianças se divertiam o tempo todo sem se preocupar com a hora ou com reclamação dos pais. Lá elas podiam ser crianças, ser felizes o tempo todo. Não precisavam dormir porque lá não anoitecia, não precisavam comer se não quisessem, pois não sentiam fome, mas sempre valia à pena passar na Floresta de Doces e provar um pouquinho das árvores e guloseimas que havia por lá. Pipoca e Meleca falaram que era só

não ter saudades dos pais, que eles se divertiriam pro resto de suas vidas. Larinha e Sr. Pindarolas ainda perguntaram por que não poderiam sentir a falta dos pais, mas as crianças não quiseram responder. Os dois então desceram o escorregador e decidiram visitar o parque aquático.

Capítulo 7

Prazer, Dona Libélula.

Larinha estava brincando em uma das piscinas enquanto Sr. Pindarolas estava sentado em cima das roupas da menina em uma cadeira de sol. Larinha insistiu, mas o hamster não quis aprender a nadar. Ainda mais em uma piscina grande e cheia de crianças. A menina ainda estava emocionada, pois havia acabado de conhecer uma das sereias, Rubi era o nome dela. A sereia contou que todas as sereias tinham nomes de pedras preciosas e que elas recebiam o nome de acordo com a cor do cabelo. Rubi tinha o cabelo vermelho, o que fez Larinha gostar mais ainda dela porque ela lembrava a sereia de uma das ilustrações do livro da sua avó.

- Mas, Rubi, sereias não vivem no mar? – a menina perguntou.
- Sim, Larinha. – a sereia respondeu sorrindo.
- Ué! O que vocês tão fazendo em uma piscina então?
- Dona Libélula tirou a gente do mar e nos trouxe pra cá.
- Por quê?

- Porque as coisas não estavam tão bem lá no mar.
- Como assim? – a menina estava cada vez mais curiosa.
- As coisas nunca estiveram muito bem lá no mar. A vida no mar sempre foi muito complicada, muito arriscada. Antigamente, os homens saíam em alto mar só para pescar meus ancestrais e ainda hoje corremos esse perigo. Foi por isso que ao longo dos anos fomos aprendendo a cantar, até que nossas vozes começaram a nascer belas por natureza. É um mecanismo de defesa.
- Mecanismo de defesa?
- Sim. Cantar é uma forma da gente se defender. Na época da minha tataravó, quando os barcos pesqueiros se aproximavam da nossa comunidade, muitas sereias curiosas costumavam perder suas vidas. Os homens vinham com suas redes e capturavam uma a uma. Alguns até se atiravam no mar para capturar as que tentavam escapar. Mas tudo isso mudou quando uma de nós se aproximou de um dos barcos e começou a cantar. O nome dela era Ametista.
- Ametista... Gostei desse nome! Que era a cor do cabelo dela? – Larinha perguntou empolgada.
- Era violeta. – respondeu a sereia sorrindo.
- Legal! Pode continuar. – Larinha estava adorando conversar com Rubi.



- Era noite de festa e todo mundo a bordo estava cantando. Toda sereia sabe o risco que corre ao se aproximar de qualquer ser humano, mas muitas têm vontade de ver uma pessoa de perto. Ametista era uma dessas, bem curiosa! Nesse dia, ela havia decidido que iria subir para ver um dos barcos. Muitos reclamaram, outros tentaram impedi-la, mas mesmo assim ela foi. Assim que ela chegou perto da embarcação, Ametista ficou fascinada com a cantoria e começou a cantar também. Sua voz era muito bonita, ela já fazia aula de canto há muitos anos, mas até então não sabíamos do poder da voz de uma sereia. Seu jeito de cantar era tão belo que alguns homens que estavam por perto ouviram sua voz e se jogaram no mar. Ametista conta que, assim que eles caíram no mar, eles pareciam estar hipnotizados. Eles

só conseguiam olhar para ela e ouvir sua voz, eles não conseguiam nem nadar ou se manter boiando no mar e, com isso, afundaram.

- Afundaram? – a menina perguntou chocada.

- Sim, todos eles morreram afogados.

- Que horror! – Larinha estava mesmo chocada.

- Ametista também ficou horrorizada e foi correndo contar para o nosso povo. Infelizmente ou felizmente, nós havíamos descoberto uma forma de se defender dos homens que gostavam de nos caçar.

- Mas por que eles pescavam ou pescam vocês?

- Existem muitas teorias. Alguns homens acreditavam que quando pescavam a gente, nós virávamos as pedras preciosas dos nossos nomes. Outros acreditavam que virávamos seres humanos e que no lugar de nossas caldas cresciam pernas. Só que o motivo principal sempre foi para provar que a gente existe. O ser humano sempre teve essa necessidade de comprovar que ele não está só, que existem seres extraterrestres ou seres encantados convivendo com ele no mesmo planeta. É muito estranho. – Rubi respondeu reflexiva.

- É.... – Larinha respondeu ainda chocada com toda a história. – Mas então o que acontece quando eles pescam vocês? Porque eu nunca ouvi falar de alguém que conhecia uma sereia. Todo mundo fala que sereia

não existe, que é lenda.

- Uma sereia só agüenta poucas horas fora da água, ou seja, é inútil pescar a gente para provar que existimos. Sem contar que nós não viramos pedras preciosas, nem criamos pernas. Os pescadores descobriram isso do pior jeito. Fora da água a gente resseca e vira pedra de sal.

- Pedra de sal? – agora Larinha estava realmente assustada com toda a história.

- Sim.

- Que triste.

- Muito. – Rubi respondeu com um meio sorriso.

- Mas então como Dona Libélula trouxe vocês? Por que vocês vieram pra cá? Como vocês não viraram pedra de sal?

- Dona Libélula queria nos salvar, ela sempre foi muito apaixonada por sereias. Ela já leu muitas histórias, muitos livros sobre a gente. Assim que ela construiu o Mundo da Diversão ela decidiu que aqui teria um lugar para sereias também. Um lugar em que as sereias pudessem ser livres e viver tranquilamente. Um lugar em que pudéssemos cantar, brincar, nadar e se divertir com seres humanos que nunca nos fariam mal: crianças. Por isso ela buscou a gente em um navio bem grande com tanques cheios de água do mar, ela sabia que a gente virava pedra de sal.

- Mas...
- Já sei. Você vai perguntar: mas então como vocês conseguem sobreviver nessas piscinas? – Rubi interrompeu Larinha.
- Isso! – a menina respondeu sorrindo.
- A água tem sal. – Rubi respondeu com uma piscadinha.

Tudo estava fazendo sentido agora. Larinha ficou feliz de conversar com Rubi, ela acabou aprendendo muitas coisas sobre sereias. Isso só aumentou a paixão dela mesma por sereias. Às vezes Larinha ia gostar da Dona Libélula, pelo menos isso elas tinham em comum. Será que Dona Libélula era legal? Será que ela ia gostar da Larinha? A menina estava começando a ficar ansiosa para conhecer a idealizadora daquele mundo fantástico.

Faltava pouco tempo para começar mais uma das aulas de canto das sereias e Larinha mal podia esperar para ouvir Rubi cantar, ainda mais depois de ter ouvido a história da Ametista. As sereias deviam mesmo ter vozes encantadoras.

MEU DEUS!

Larinha havia esquecido de fazer uma pergunta importantíssima. Se ao ouvir uma sereia cantar

os homens ficavam hipnotizados e desaprendiam até mesmo a nadar, será que isso acontecia com as crianças também? Como é que ela não perguntou isso para Rubi? Bom, agora era tarde para fazer essa pergunta, Rubi estava conversando com outro grupo de crianças e Larinha não queria interromper. É óbvio que Dona Libélula não colocaria a vida das crianças em risco, afinal, o Mundo da Diversão parecia ser para as crianças. Mas e se as sereias comesçassem a cantar e as crianças comesçassem a afundar? Meu Deus! Será que isso ia acontecer?

- Rubi! Rubi! Rubi! – a menina começou a gritar em desespero.

- Que foi, Larinha? – perguntou a sereia preocupada.

- Você disse que quando vocês cantam os homens ficam hipnotizados e afundam. E se a gente afundar quando vocês começarem a cantar?

- Larinha... – a sereia tentou segurar o riso, mas não conseguiu. – É claro que isso não acontece! Se não, Dona Libélula não deixaria que vocês tivessem aulas de canto com a gente. Como eu mesma disse, vocês não são capazes de nos machucar, assim como o nosso canto não é capaz de machucar vocês. Está tudo bem. Pode ficar tranquila. Você vai adorar a nossa aula.

- Ufa! Por um momento fiquei com medo de afundar. – a menina respondeu aliviada.

A aula já ia começar. Como a menina havia se aproximado e gostado bastante de Rubi, Larinha decidiu que faria parte da turma de Rubi. Naquela piscina havia ainda outras duas sereias, Esmeralda e Turquesa. Cada uma delas estava com um grupo de umas dez crianças cada. No grupo da Rubi estava Larinha e mais quatro crianças. Todas pareciam bem ansiosas, assim como Larinha, para ouvir as vozes das belas sereias.

Rubi começou a cantar uma música e depois entraram Esmeralda e Turquesa em outras partes da música. As vozes delas eram realmente muito lindas e era verdade o que Rubi havia dito. Larinha não ficou hipnotizada e também não estava afundando. As vozes das sereias pareciam vozes de anjos e a música também era muito bonita. Assim que as três terminaram a canção todas as crianças aplaudiram e gritaram de alegria. Todo mundo estava maravilhado com o que tinham acabado de ver e ouvir. Larinha estava realizando um sonho. Duendes, sereias, pôneis voadores, montanhas de sorvete e floresta de doces, tudo no mesmo lugar. O Mundo da Diversão era o paraíso e Larinha não queria sair de lá tão cedo.

Agora era a vez das crianças aprenderem a cantar com as sereias. Cada sereia ensinou para seu grupo uma parte da música para que no final todas as crianças cantassem juntas, era *a capella* das sereias.

No começo as crianças estavam desafinando, mas aos poucos elas foram aprendendo as notas. Rubi era muito paciente. No grupo de Larinha tinha duas crianças muito desafinadas, mas mesmo assim Rubi se manteve calma e tentou ensiná-las uma a uma as notas exatas. O que pareciam ter sido poucos minutos de diversão, foram na verdade horas de treino. Como no Mundo da Diversão não anoitecia, Larinha mal viu o que poderia ter sido uma tarde na piscina. Ao final da aula, as crianças finalmente puderam cantar a música que haviam aprendido. O primeiro grupo foi o da Rubi que começou cantando a primeira parte da música, depois se juntaram ao grupo da Rubi as crianças da Esmeralda e por último as da Turquesa. A música ficou linda, a apresentação foi um verdadeiro espetáculo. Larinha estava super feliz de poder ter participado de uma aula de música com várias sereias.

A aula acabou e algumas crianças ainda ficaram na piscina para participarem de jogos aquáticos com as sereias, mas Larinha queria ir à Floresta de Doces. A menina saiu da piscina e foi colocar suas roupas que estavam embaixo do Sr. Pindarolas na cadeira de sol. Sr. Pindarolas estava com os olhos cheios de água.

- Sr. Pindarolas, tá tudo bem? – Larinha perguntou.
- Tá sim, Larinha. Tá sim. – o hamster respondeu.
- Por que você tá chorando?

- Eu não tô chorando, meu bem. – o hamster falou com os olhinhos brilhando.
- Mas seus olhos...
- Tá! Eu assumo! Eu chorei de emoção com a apresentação de vocês. – Sr. Pindarolas admitiu envergonhado.
- Sr. Pindarolas! – Larinha falou rindo.
- Foi muito linda, Larinha. A música é linda, a voz da Rubi, da Esmeralda e da Turquesa são lindas também. Vocês cantaram maravilhosamente bem. Tô emocionado até agora.
- Que bom que você gostou, Sr. Pindarolas. Agora quero ir pra Floresta de Doces! – a menina avisou tirando Sr. Pindarolas de suas roupas.
- Tudo bem. Vamos pra Floresta de Doces!

Larinha já havia trocado de roupa quando ela e o hamster ouviram o som de clarins. Vários duendes estavam tocando clarim enquanto uma mulher era guiada por um duende que estava usando uma roupa diferente da dos outros. “Será que essa é a...” o pensamento de Larinha foi respondido pelo duende.

- Abram alas para a Dona Libélula! – gritou o duende que usava roupas diferentes.
- É a Dona Libélula! – a menina exclamou para o hamster que estava em seu ombro.



- Sim! – Sr. Pindarolas respondeu.
- Será que eu posso falar com ela? – a menina cochichou para o hamster.
- Eu não sei. Pergunte ao duende. – o hamster cochichou de volta.

Larinha se aproximou do duende que havia anunciado a chegada da Dona Libélula e perguntou se poderia falar com a mulher. O duende nem precisou responder, Dona Libélula foi logo se apresentando.

- Olá! Eu sou a Dona Libélula e você?
- Oi, Dona Libélula. Eu sou a Larinha, Lara Formiga. – a menina falou emocionada.
- Oi Larinha! – a mulher deu um sorriso e apertou a mão da menina. – Quem é esse no seu ombrinho?
- Sr. Pindarolas. Muito prazer, Dona Libélula. – o hamster respondeu e estendeu a patinha para que Dona Libélula o cumprimentasse também.
- Prazer, Sr. Pindarolas. – Dona Libélula apertou sua delicada patinha com o dedão e o dedo indicador. – Esse aqui é o Eduardo, meu duende e fiel escudeiro.
- Dona Libélula apontou para o duende de roupas diferentes que agora estava ao seu lado.
- Prazer, Eduardo. – responderam o hamster e a menina.
- Prazer. – o duende respondeu com uma reverência.

- Vocês estão gostando daqui? – Dona Libélula perguntou.
- Sim! Muito! Aqui é lindo. É tudo o que eu já sonhei. – Larinha respondeu empolgada.
- Sim, sim. Aqui é um lugar muito bonito, muito divertido. – respondeu Sr. Pindarolas.
- É claro, meu bem, não é à toa que eu nomeei esse lugar o Mundo da Diversão. – Dona Libélula respondeu com uma risada irônica.
- Nossa, Dona Libélula, aqui é muito legal! Eu já nadei com as sereias, andei em montanha russa, escorreguei nos escorregadores gigantes, comi sorvete e cereja na montanha. Eu amei o Mundo da Diversão.
- Que ótimo, Larinha. Que bom que está gostando. – Dona Libélula respondeu.
- Você que criou tudo isso? – Larinha era curiosa.
- Sim.
- Sozinha?
- Sim.
- Por quê?
- Porque eu achava que as crianças mereciam um lugar assim. Eu achava e ainda acho que eu merecia um lugar assim. As sereias mereciam viver em tranquilidade, assim como os outros seres encantados. As crianças merecem ser felizes. Elas merecem andar em pôneis voadores, nadar e cantar com sereias,

elas merecem montanhas gigantes de sorvete e uma floresta que tem todos os doces que ela quiser comer. Criança tem que ser criança. Criança tem que brincar, tem que se divertir. E sabe o que é melhor?

- Não... – Larinha ouvia atentamente.

- Que aqui não tem hora pra dormir porque aqui a diversão nunca para e aqui não tem nenhum pai ou mãe para ficar incomodando e mandando nas crianças. Aqui elas são livres. Aqui você pode fazer o que você quiser, ser quem você quiser. – Dona Libélula respondeu com um sorriso.

- Que legal! – a menina falou.

- Larinha... Lara Formiga? Você sabe que aqui você pode escolher o nome que você quiser, não sabe? – Dona Libélula perguntou.

- Sim, sim. – a menina respondeu. – Pipoca e Meleca me contaram isso assim que eu cheguei no Parque.

- E você ainda não escolheu seu nome? – Dona Libélula parecia surpresa.

- Não... – a menina respondeu meio constrangida. – Eu não sei que nome escolher ainda.

- Interessante! Geralmente é a primeira coisa que as crianças fazem quando chegam aqui. Afinal, não há ninguém melhor do que nós mesmos para escolhermos nossos nomes, não é mesmo? No Mundo da Diversão você não precisa ter o nome que os seus

pais te deram.

- Sim... – Larinha continuava constrangida.

- Você não consegue pensar em nenhum nome?

- Não...

- Você nunca pensou em ter um nome diferente?

- Não... – Larinha estava ficando mais constrangida ainda.

- Você não tem vontade de ter um nome tipo “Formiguinha”, “Minhoca” ou “Cerejinha”?

- Não sei... Eu ainda não pensei direito sobre isso.

- Bom, não precisa ficar com vergonha, Larinha.

Tenho certeza que você vai escolher um nome bem legal pra você mesma. – Dona Libélula tentou tranquilizá-la.

- Vou tentar. – Larinha respondeu.

- E você, Sr. Pindarolas? Já escolheu seu nome? – perguntou Dona Libélula.

- Eu p-p-p-osso escolher meu nome? – Sr. Pindarolas chega gaguejou de emoção.

- Claro que pode. – a mulher respondeu sorrindo.

- Que legal! Eu não sabia que eu podia mudar meu nome. – o hamster estava pra lá de feliz.

- Sr. Pindarolas! – Larinha gritou. A menina parecia não ter ficado muito satisfeita com o fato do hamster querer mudar seu nome.

- Larinha, eu não disse que eu vou mudar. Só achei

legal que eu POSSO mudar. – Sr. Pindarolas respondeu.

- Eu gosto do seu nome. – Larinha estava um pouco chateada.

- A gente resolve isso depois. Nem sei que nome eu colocaria também. – o hamster respondeu às duas, Larinha e Dona Libélula.

- Bom... Eu vou continuar dando uma volta para ver se tudo está dentro dos conformes. Foi um prazer te conhecer, Larinha, e foi um prazer conhecer você, Sr. Pindarolas. – Dona Libélula foi se despedindo. – Tenho certeza de que escolherão bons nomes e espero que aproveitem bastante.

- Vamos aproveitar sim. – os dois responderam.

- Eduardo! Vamos. – Dona Libélula gritou para seu duende.

* * *

Larinha estava com Sr. Pindarolas em cima de uma árvore de picolé de limão na Floresta de Doces quando os dois viram o duende Eduardo conversando com um colega ali perto. Eles pareciam estar falando da Dona Libélula e de alguma coisa que tinha dado errado. Larinha e Sr. Pindarolas ouviram que alguém tentou abrir um cofre, mas Dona Libélula o impediu e

fez uma coisa terrível. Eles não conseguiam entender porque os duendes conversavam bem baixinho, mas eles ouviam algumas palavras e expressões soltas. Sr. Pindarolas, por ser pequenino, até pensou em descer a árvore de picolé, mas ele não sabia quão boa era a visão dos duendes. Às vezes eles notariam a presença do hamster ali.



Assim que a conversa terminou o outro duende saiu de perto do Eduardo, deixando-o sozinho embaixo da árvore de picolé de limão. Larinha já era curiosa por natureza e alguma coisa não estava cheirando bem. Larinha não só queria saber o que o duende Eduardo havia conversado com seu coleguinha, assim como ela queria perguntar pra ele porque ele havia escolhido o nome “Eduardo”. “Eduardo”, pensou a menina, “mas que nome mais sem graça prum duende”. A menina então decidiu pular da árvore e conversar com ele. O coitado do Sr. Pindarolas nem previu o movimento da menina e acabou caindo do ombro dela e batendo em um dos galhos da árvore de picolé de limão. Coitadinho do Sr. Pindarolas.

- Eduardo! - a menina gritou caindo ao seu lado. -

Desculpa, Sr. Pindarolas. – Larinha abaixou e pegou o hamster do chão.

- Larinha?! – o duende estava surpreso. – Tem muito tempo que você tá aqui?

- Mais ou menos. – Larinha respondeu.

- Isso não é bom... – Eduardo ficou visivelmente preocupado.

- Eduardo, eu tenho perguntas para te fazer. – a menina foi logo dizendo.

- Perguntas sobre o quê?

- São duas perguntas pra falar a verdade.

- Eu posso não responder?

- Como assim?

- Dependendo da pergunta eu não vou responder. – o duende falou sério.

- Por quê?

- Porque há coisas que não cabe à minha criatura dizer.

Enquanto o duende e a menina conversavam crianças corriam em volta da floresta e paravam em árvores por perto para comer mais doces. O duende parecia estar muito incomodado. Toda hora Eduardo olhava para os lados, para cima. Alguma coisa não estava cheirando bem mesmo. O que será que tinha acontecido no Mundo da Diversão?

- Você tem que responder essas duas, por favor. Por favor, por favorzinho. – a menina implorou sem nem mesmo ter perguntado.
- Eu já disse. Depende da pergunta. – Eduardo foi severo.
- Tá. – a menina respondeu contrariada.
- Pode fazer suas perguntas agora.
- Tá... Primeiro, por que entre todos os nomes do mundo, incluindo nomes MUITOOO legais, você escolheu Eduardo?
- Eduardo foi o nome que os meus pais me deram. Duendes não podem escolher seus próprios nomes.
- Seus pais que escolheram Eduardo? Que engraçado! Eu nunca pensei que um duende teria nome de gente.
- Tá, qual é a próxima pergunta? – Eduardo parecia impaciente.
- Espera... Antes de fazer a segunda pergunta, eu percebi que agora eu tenho uma terceira pergunta. – Larinha não ia deixar um detalhe passar despercebido.
- Você disse que tinha duas perguntas.
- Mas agora eu tenho três. – a menina respondeu sem graça.
- Tá, vamos logo que daqui a pouco, com certeza, Dona Libélula virá atrás de mim.
- Beleza. A minha segunda pergunta é: por que duendes não podem escolher seus próprios nomes?

- Olha... Vem cá... – o duende pediu para a menina se abaixar e se aproximar dele.
- Que foi? – Larinha estranhou.
- Vem cá! – o duende mais uma vez sinalizou para Larinha se aproximar dele.
- Tá. – a menina respondeu se agachando.
- Larinha, eu sei que você e o Sr. Pindarolas ouviram algumas partes da minha conversa com o Paulo.
- “Pelo visto o nome do outro duende é Paulo. Que engraçado! Eles têm nome de gente mesmo!” pensou Larinha.
- Eu não sei exatamente o que você ouviu, mas se Dona Libélula ficar sabendo... – o duende estava mesmo preocupado com alguma coisa.
- Eduardo, o que tá acontecendo? – Larinha estava começando a ficar com medo.
- Larinha, eu só estou falando com você porque gostei de você e do Sr. Pindarolas. Vocês parecem do bem. Você já percebeu que nenhum duende aqui conversa com as crianças a não ser para instruí-los nos brinquedos?
- Eu não tinha parado pra pensar nisso... É verdade. – a menina afirmou.
- Nós duendes não somos que nem as sereias que têm privilégios ou as crianças que brincam o tempo todo no Mundo da Diversão. Nosso trabalho é manter esse

lugar funcionando. Quando algum brinquedo quebra, nós temos que consertar. Quando uma árvore de doce morre, nós arrancamos a árvore e replantamos outra. Quando um pônei está cansado de voar, nós que levamos ele para o estábulo e fazemos o que for necessário para ele melhorar.

- Por quê?

- Porque, infelizmente, alguém tem que cuidar do Mundo da Diversão e robôs muitas vezes podem apresentar falhas.

- E por que vocês não podem conversar com as crianças?

- Ordens da Dona Libélula.

- Muito estranho isso... Você não respondeu por que vocês não podem escolher o nome de vocês.

- Não deu para perceber? Eu já falei, nós não temos a mesma sorte que vocês. Temos que ficar com o nome que os nossos pais escolheram.

- Tá... E que história é essa da Dona Libélula e do cofre?

Larinha estava cansando de ficar agachada e cochichando. Eduardo estava cada vez mais agoniado. Será que ao responder a Larinha ele estava passando informações confidenciais? Os duendes não podiam conversar com as crianças, mas mesmo assim Eduardo estava se arriscando e, pelo visto, respondendo todas

as perguntas da menina. Será que ele seria punido por isso? Será que Dona Libélula iria descobrir que ele conversou com a menina? Agora até mesmo Larinha estava preocupada pelo duende. Um grupo de crianças passou correndo pelos dois e uma até deu tchau para a menina. Larinha deu tchau de volta e se voltou, novamente, para o duende que estava quase roendo as unhas de nervoso.

- Larinha, por favor, que isso não saia daqui. – agora Eduardo estava cochichando bem baixinho mesmo.
- Eu prometo não falar nada.
- Uma criança tentou invadir o quarto de Dona Libélula e roubar o cofre dela.
- Sério?! – Larinha não esperava por essa resposta.
- Sim. – o duende afirmou olhando para os lados.
- Por quê?!
- Dona Libélula tem um cofre e ela guarda coisas muito valiosas ali dentro. A criança estava tentando roubá-la.
- O que ela guarda?
- Eu não posso te falar. A única coisa que eu posso te falar é que a criança tentou, mas não conseguiu. Por isso, ela foi punida por Dona Libélula.
- Punida?! – Larinha estava assustada.
- Sim. No Mundo da Diversão não pode haver maldade. As crianças não podem maltratar as sereias, os pôneis,

até mesmo a gente. Não podem arrancar as árvores, quebrar os brinquedos, e, principalmente, fazer algo contra Dona Libélula. Ela fica muito irritada e quando eu digo muito, é MUITO.

- Nossa! Tô com medo dela agora. – Larinha estava apavorada.

- Pois tenha medo mesmo. É só você fazer tudo bonitinho. Vá brincar, vá se divertir.

- Mas como a criança que tentou roubar o cofre da Dona Libélula foi punida?

- Isso eu já não posso te dizer.

- Por quê?

- Larinha, eu te falei que havia perguntas que eu não poderia responder. – Eduardo foi firme.

- Tá bom, não vou insistir.

- Eu tenho que ir. – o duende falou agoniado.

- Tá.

Eduardo saiu correndo deixando Sr. Pindarolas e Larinha debaixo da árvore de picolé de limão. Quem estava visivelmente preocupada agora era Larinha. O papo com o duende Eduardo foi pior do que a menina imaginava. Larinha não estava conseguindo acreditar que Dona Libélula era capaz de punir as crianças. E o que será que ela tinha de tão valioso que ela guardava em um cofre? A menina estava confusa.

- Você ouviu, Sr. Pindarolas?
 - Sim. – o hamster parecia estar tão chocado quanto ela.
 - Que história esquisita.
 - Muito!
 - Eu tô com medo da Dona Libélula agora.
 - Nem me fale.
 - Eu tô começando a sentir falta da minha casa. – a menina falou cabisbaixa.
 - Eu também, Larinha.
 - Eu tô com saudade da vovó.
 - Eu também.
 - Eu tô com saudade do João.
 - Eu também, Larinha. – os olhos dos dois estavam começando a encher de água.
 - Eu até tô com saudade dos meus pais.
 - Sério? – Sr. Pindarolas não esperava por essa.
- Afinal, a menina torceu durante dias para que os pais sumissem.
- Sim... Parece até que a gente tá há dias aqui nesse lugar.
 - Eu não sei há quanto tempo estamos aqui, mas que eu tô sentindo falta de casa eu tô.
 - Às vezes a gente pode se divertir mais um pouco e ir embora. Quando a gente sentir falta daqui, a gente volta.

- É verdade! – os dois pareciam ter encontrado uma solução.

* * *

Larinha e Sr. Pindarolas estavam descendo de uma árvore de balinha de framboesa quando o celular que estava no bolso da Larinha caiu. A menina havia esquecido que estava com ele. Como ela não tinha pensando nisso antes? Se ela e Sr. Pindarolas já estavam com saudades de casa, bastava ela usar o celular e ligar para os pais dela. Com certeza eles dariam um jeito de buscá-la. Se não, ela tentaria falar com a avó. Larinha ainda odiava celular, mas agora ele parecia pelo menos prestar para alguma coisa.

Assim que Larinha ligou seu celular, várias mensagens apareceram. Eram dos pais dela. Será que eles estavam tentando falar com ela? Será que tinha acontecido alguma coisa? Larinha mostrou o celular para o hamster e os dois começaram a ler as mensagens.

Larinha, a vovó tá perguntando se vc quer que ela te busque hoje no colégio. Beijo, mamãe.

digite aqui seu texto



Bom dia, flor do dia. O papai não quer que você fique triste. Agora que vc tem um celular a gente pode conversar mais por aqui. Beijo

digite aqui seu texto



Bebê, eu te amo. Feliz aniversário! Papai

digite aqui seu texto



Minha linda, me desculpe por ter brigado com vc. A mamãe te ama e não fez por mal. Vc é minha luz, minha flor, minha filha querida. A mamãe te ama muito e só quer ver vc feliz. Desculpa por ter te chateado.

digite aqui seu texto



Larinha, não fique triste. A mamãe te ama.

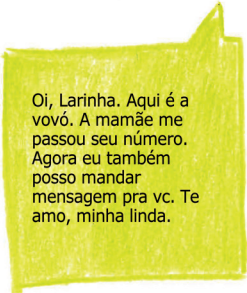
digite aqui seu texto



Minha flor, o papai tá sabendo que a mamãe brigou com vc. Se vc quiser conversar hj à noite, não tem problema. Beijo, te amo.

digite aqui seu texto





Oi, Larinha. Aqui é a
vovó. A mamãe me
passou seu número.
Agora eu também
posso mandar
mensagem pra vc. Te
amo, minha linda.



digite aqui seu texto



As mensagens eram uma mais linda que a outra. Larinha agora estava sentindo mais saudades do que nunca de casa e da sua família. Às vezes seus pais não deram aquele celular que ela tanto detestava por mal. Às vezes o celular não era uma coisa tão ruim assim. Olha o

tanto de mensagem que a menina havia recebido e com demonstrações de afeto e amor. Seus pais realmente estavam arrependidos de tê-la magoado. Pelo visto eles não imaginavam que a filha reagiria de forma tão negativa. Agora quem estava se sentindo mal era a menina. Como que ela havia sido capaz de desejar que os pais desaparecessem por conta de uma bobagem dessas?

Agora que ela tinha um celular com certeza ela poderia falar mais vezes com seus pais. Se ela estava sentindo falta deles era só mandar uma mensagem ou ligar. Até sua avó tinha um celular. Se ela estivesse

triste ou feliz ela poderia falar na hora com sua avó. Larinha também não era besta de usar o celular na sala de aula. A menina sabia quando podia e não podia usar um celular. Então por que ela havia se sentido tão incomodada com um presente que até parecia ser útil?

- Sr. Pindarolas, eu não tô muito bem. – Larinha falou.
- O que foi, Larinha?
- Eu quero voltar pra casa.

Capítulo 8: **Caramba!** **Estou ficando verde.**

Larinha tentou mandar uma mensagem para os pais e para a avó, mas foi em vão. Pelo visto o sinal do celular não funcionava ali no Mundo da Diversão. Larinha só conseguiu ler as mensagens porque elas haviam sido enviadas antes dos dois chegarem naquele lugar. Sr. Pindarolas e Larinha precisavam descobrir uma forma de voltar para casa. Os dois decidiram ir atrás do duende Eduardo ou da sereia Rubi.

Larinha estava até começando a ficar irritada com as crianças alegres que passavam correndo por eles na Floresta de Doces. Aquele lugar já não era mais o mesmo. Ainda mais depois de tudo o que o duende Eduardo falou. Pelo visto Dona Libélula não era tão legal assim. Larinha e Sr. Pindarolas percorreram toda a floresta procurando Eduardo, mas não havia nenhum sinal dele por lá. Só havia crianças e duendes ajudando-as a subirem as árvores e colherem os frutos de doces.

Larinha e Sr. Pindarolas chegaram no Parque

Aquático. Será que o duende Eduardo estaria lá? Na piscina Rubi brincava com algumas crianças, logo logo haveria outra aula de canto. Larinha nem queria mais saber da aula de canto ou das sereias que estavam ali. Ela já havia brincado demais. Agora ela só queria ir embora.

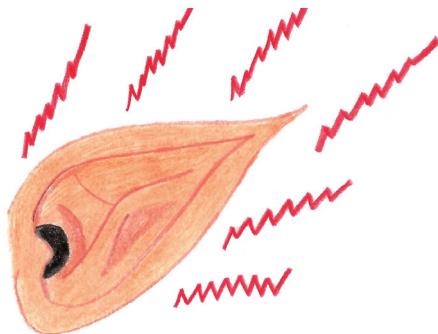
Os dois estavam se aproximando da sereia quando Larinha começou a sentir uma dor de cabeça muito forte. A menina parou e sentou em uma das cadeiras de sol. Além da dor de cabeça, Larinha também começou a sentir suas orelhas arderem. Parecia que suas orelhas estavam pegando fogo do tanto que elas estavam quentes do ardor.

- Larinha, tá tudo bem? – Sr. Pindarolas perguntou preocupado.
- Tô com muita dor de cabeça. – a menina respondeu.
- Será que a gente comeu muito doce?
- Não sei... Só sei que tá doendo muito.
- Fica assim não. Vou falar com a Rubi pra ver se ela ajuda.
- Aiii... – a menina estava gemendo de dor.
- Que foi, Larinha?! – Sr. Pindarolas não sabia o que fazer.
- Minhas orelhas tão ardendooo!
- LARINHA! SUAS ORELHAS! – o hamster gritou.

Assim que Larinha colocou suas mãos em suas orelhas ela sentiu o que ela não queria ter sentido. Suas orelhas estavam pontudas. Larinha não tinha orelhas pontudas. Como assim suas orelhas estavam pontudas? O que estava acontecendo?

- Sr. Pindarolas, minhas orelhas...
- Sim, Larinha. Suas orelhas estão pontudas.
- Como isso aconteceu???
- Eu vou chamar a Rubi, fica calma, Larinha.

Sr. Pindarolas desceu do ombro da menina e foi até a beira da piscina onde Rubi estava com um grupo de crianças. A sereia estava distraída e nem percebeu que



o Sr. Pindarolas estava gritando seu nome. Alguém precisava ajudar a Larinha. O hamster até cogitou pular na piscina, mas ele ficou com medo daquele tanto de água. Sr. Pindarolas continuou gritando o nome da Rubi, mas nada da sereia olhar pro seu lado. O hamster não ia desistir, sua melhor amiga estava passando mal e precisando de ajuda. Ele inspirou bem forte, prendeu o fôlego e gritou com todas as forças:

- RUBIIIIII!!!!
- Sr. Pindarolas! – a sereia tinha escutado, ALELUIA!
Ela se aproximou da beirada da piscina para conversar com o hamster.
- Rubi, você precisa nos ajudar.
- O que aconteceu?
- Larinha não tá bem. Ela tá com dor de cabeça e as orelhas dela estão ficando pontudas.

Assim que o Sr. Pindarolas completou essa frase, parecia que ele havia passado alguma informação muito perigosa para a sereia porque na hora Rubi olhou para os lados e fez uma cara apavorada. A sereia olhou em volta, respirou fundo e falou:

- Sr. Pindarolas, eu não posso ajudar!
- Por quê? O que tá acontecendo?
- Procure o duende Eduardo. Aquele das roupas diferentes.
- Eu sei quem ele é, mas eu e a Larinha não conseguimos achá-lo.
- Eu ouvi falar que ele estava ajudando alguns duendes por conta de um problema com um dos pôneis voadores. Leve a Larinha pra lá e até lá, esconda as orelhas da menina. Assim que um duende souber, ele vai avisar Dona Libélula, são ordens da casa. A Larinha está se transformando. Ela deve ter feito uma coisa

muito ruim.

- Não! Ela não fez nada. Como assim se transformando?

- Eu não posso te falar mais nada. Tchau, Sr.

Pindarolas. – Rubi voltou para perto do grupo de crianças com quem ela estava.

“Se transformando? Se transformando em quê?” pensou Sr. Pindarolas. O hamster voltou correndo para a cadeira de sol e Larinha estava lá com os olhos vermelhinhos, cheios de água. A menina devia ter chorado. A dor devia estar insuportável. Sr. Pindarolas subiu no ombro da menina e abraçou seu pescoço.

- Fica bem, Larinha. Vai dar tudo certo. Conversei com a Rubi.

- Conversou?! – Larinha pareceu animada com a notícia.

- Conversei. Precisamos ir atrás do duende Eduardo mesmo. Rubi me falou que ele tá ajudando outros duendes com um dos pôneis voadores. Vamos pra lá.

- Sim! – Larinha levantou esperançosa.

- Só tem um problema, Larinha... – “essa parte ia ser difícil explicar” pensou o hamster.

- O que foi?

- Rubi me disse que você terá de esconder suas orelhas.

- Esconder minhas orelhas?
- Sim.
- Por quê?
- Você está se transformando.
- Transformando??? Em quê??? – a menina estava incrédula.
- Eu não sei, mas ela disse que você deve ter feito uma coisa muito ruim.
- Será que... Será que Dona Libélula descobriu que o Eduardo conversou com a gente?
- Não sei. Eu não sei de nada. Eu não sei no que você vai se transformar e, principalmente, se essa transformação vai ser rápida ou não. Então vamos logo encontrar esse duende.

Larinha cobriu suas orelhas com o cabelo e foi correndo com o Sr. Pindarolas encontrar Eduardo no Parque de Diversões. Enquanto ela corria para tentar se salvar e perguntar o que estava acontecendo, Larinha só conseguia sentir a ardência em suas orelhas aumentar. A menina colocou a mão para senti-las e percebeu que elas estavam crescendo. MEU DEUS! De que tamanho ficariam? Será que o cabelo conseguiria tampá-las até eles alcançarem o Eduardo?

Aquele mundo parecia enorme agora que os dois estavam desesperados para encontrar o Eduardo. O Parque de Diversões parecia cada vez mais longe. A

menina já estava cansada de correr. Além da dor de cabeça, sem contar a ardência que Larinha estava sentindo em suas orelhas que não paravam de crescer, a menina estava começando a sentir dor nas pernas e nos pés de tanto correr.

- Eu não agüento mais, Sr. Pindarolas. Tô cansada.

- Não pára, Larinha! A gente precisa falar com o Eduardo. Você agüenta.

- Eu quero chorar. – a menina estava diminuindo o ritmo.

- Deixa de ser boba, menina! A gente tá quase lá, falta pouco. Vamos! Pense que daqui a pouco você vai voltar para casa.

Isso foi o suficiente para dar o gás que Larinha precisava para continuar. “Daqui a pouco eu vou estar em casa” a menina pensou. Larinha ficou repetindo essa frase várias vezes o que deu forças para ela correr mais rápido. Assim que os dois chegaram no Parque de Diversões foram logo em direção à atração dos pôneis voadores. Eduardo estava montado em um dos pôneis enquanto os outros duendes tentavam acalmar o animal arisco. Um dos duendes estava segurando uma cenoura perto da boca do pônei, enquanto os outros tentavam disfarçar as cordas que seguravam atrás das costas.

- Eduardo! Eduardo! Eduardooo!!! – Sr. Pindarolas e Larinha gritaram.

Eduardo viu os dois se aproximando e pediu para que outro duende subisse em cima do pônei agitado. Eduardo se aproximou da Larinha e do Sr. Pindarolas e pediu para que os dois o acompanhassem. Os dois seguiram o duende até um canto mais isolado no Parque de Diversões.

- Tá, podem falar. O que aconteceu? – o duende falou.
- A Larinha... – Sr. Pindarolas ia contar quando Larinha mostrou sua orelha para o duende.
- Larinha... Você... – o duende ficou sem palavras.
- Minhas orelhas estão ficando pontudas e cada vez maiores. – a menina falou tristonha.
- Rubi falou para a gente procurar você. Ela disse que a Larinha está se transformando. Como assim? – Sr. Pindarolas explicou.
- Larinha, o que você fez? – o duende perguntou.
- Eu não sei. Eu só estou com saudade de casa. Eu quero ir embora. – a menina respondeu chorosa.
- MEU PAI DO CÉU! – o duende exclamou.
- O que foi?! – Sr. Pindarolas perguntou.
- Isso é ruim. Isso é ruim. Como é ruim. – o duende ficou repetindo.
- O que foi?! – Sr. Pindarolas e Larinha perguntaram

assustados.

Eduardo olhou em volta para ver se não havia nenhum duende ou criança por perto. O que ele contaria para Larinha era um segredo muito importante e que poderia colocar todo o Mundo da Diversão em risco. Poucas foram as crianças que um dia ele tentou ajudar. Todas as que passaram por essa transformação não conseguiram mais voltar para casa. Seria difícil explicar isso para a Larinha.

- Larinha... – o duende estava cabisbaixo e com a voz muito triste.

- Fala logo, Eduardo! – a menina estava agoniada.

- Você tá se transformando em um duende.

Duende... Duende... Duende...

Essa palavra ecoou durante muito tempo na cabeça de Larinha. A menina e o Sr. Pindarolas não conseguiam acreditar que ela estava se transformando em um duende. Como assim? Por quê? O que ela havia feito de errado? Larinha não conseguia lembrar se havia feito algo de errado? Ela não destruiu nenhuma árvore de doce, não machucou nenhum dos pôneis, não brigou com nenhuma sereia ou duende. A não ser que Dona Libélula ficou sabendo da conversa dela com Eduardo. Duende? A menina entrou em estado de choque.



- Duende? – ela perguntou ao Eduardo.
- Sim.
- Por quê?
- Eu não acho que Dona Libélula está sabendo da nossa conversa.
- Então por que eu estou ficando assim?
- Porque você está com saudades de casa.
- Como assim??? – Larinha e Sr. Pindarolas perguntaram.
- Dona Libélula criou esse mundo para as crianças que têm vontade de fugir de casa, para as crianças que desejam que seus pais desapareçam, para as crianças que sonham com um mundo diferente do que o que elas vivem. Dona Libélula criou esse mundo porque ela era uma criança assim, porque ela sonhava em viver em um mundo assim. Ela acha que criança tem que ser criança, tem que brincar e ser feliz. Por isso ela pune as crianças que não estão mais felizes aqui ou as que sentem saudades dos pais ou de casa. Ela as considera ingratas.
- Mas por que um duende?
- Como eu te disse antes, os duendes que mantém esse lugar funcionando. Por isso ela transforma as crianças em duendes. Para que toda “criança ingrata” trabalhe para uma criança feliz que demonstrará gratidão por estar em um lugar como esse.

- Eduardo... Isso quer dizer que você... – Larinha havia descoberto algo muito triste.
- Sim. Eu sou uma “criança ingrata”. – o duende respondeu.
- Por isso seu nome não mudou.
- Sim, quando viramos duendes voltamos a carregar o nosso nome original.
- Mas como você começou a trabalhar diretamente pra Dona Libélula?
- No começo de tudo, Dona Libélula havia conseguido juntar alguns duendes verdadeiros para montar esse mundo para ela. Ela oferecia meias, prendedores de cabelos, brincos, todas essas coisas que os duendes gostam de pegar de nós. Na hora eles toparam. Assim que o Mundo da Diversão estava pronto, várias crianças vieram parar aqui. Eu fui uma das primeiras. Eu também desejei que meus pais desaparecessem. Eu estava com muita raiva deles porque eles não quiseram me levar para a Disney. Eu era uma criança muito mimada, eu confesso.
- Nem consigo imaginar você criança. – Larinha comentou.
- Eu também não consigo. Foi há tanto tempo atrás que eu nem me lembro mais como eu era. Eu me lembro de quando eu me transformei. Não tem como esquecer. Eu parecia estar aqui há muitos

dias. Comecei a sentir falta da minha mãe, da minha casa, do meu pai, comecei a sentir falta de tudo. Fui até a Dona Libélula e falei que eu queria voltar para casa. Ela ficou possessa. Nunca a vi tão nervosa. Ela começou a gritar comigo e falar o tanto que eu era uma pessoa ingrata. Ela disse que eu não merecia estar aqui. Dona Libélula disse que meu castigo, além de nunca mais voltar para casa, seria trabalhar para sempre para as crianças que são felizes aqui, que gostam daqui, para que eu pudesse lembrar o quanto que eu fui mal agradecido.

- Que horror! – Larinha e Sr. Pindarolas estavam inconformados com essa história.

- Horrível mesmo.

- Mas você nunca tentou escapar?

- Tentei. Já fiz de tudo. Já tentei escapar usando pônei voador, já tentei voltar pela cama elástica no final do buraco, já perguntei para as sereias se havia uma passagem secreta nas piscinas que dava para o mar. Confie em mim, *eu já tentei fugir daqui*.

- Eu não quero virar duende! Eu não quero! Você precisa me ajudar. – Larinha estava desesperada.

- Eu vou te contar um segredo e vocês dois têm que me prometer que ele não vai sair daqui. Vocês não vão comentar isso por aqui, vocês não vão nem mesmo falar isso para Rubi ou outra sereia. Só nós duendes

sabemos disso.

- Eu prometo! – Larinha e Sr. Pindarolas responderam.

- Seus pais estão presos aqui.

- O QUÊ? – Larinha gritou.

- Sim! Quando você veio para cá, seus pais não estavam em casa, estavam?

- Não, mas eu achei que eles tivessem saído.

- Não. Eles não saíram.

- Como assim?

- Dona Libélula ouviu o seu pedido, ela sabia que você estava com raiva dos seus pais e queria que eles sumissem. Todo dia ela sai à procura de crianças que querem fazer parte e que “merecem” fazer parte do Mundo da Diversão. Toda noite ela voa pelas janelas dos quartos das crianças e escuta os seus desejos. Ela então captura os pais das crianças e tranca eles no cofre que fica em seu quarto. Para chegar aqui é muito simples, Dona Libélula atrai as crianças com luzinhas flutuantes e portais. Pode ser uma luz que venha do seu armário, ou do cesto de roupa suja, ou do fundo da piscina, ou de dentro de uma sacola.

- Qual é a senha desse cofre? Eu não acredito que meus pais estão aqui! Ela não tem o direito de prendê-los aqui. – agora Larinha estava com raiva.

- Isso ninguém sabe, Larinha. Por isso toda criança que vira duende não consegue escapar daqui, nem

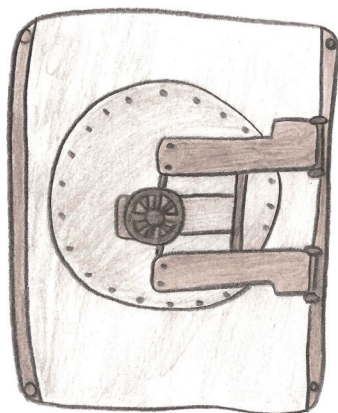
resgatar os próprios pais. Assim que a transformação estiver completa, já era. – o duende falou entristecido.

- QUE RAIVA!!!! – a menina gritou. Eduardo até viu alguns duendes que estavam afastados olharem para os três. – Eu vou descobrir a senha desse cofre. Eu vou tirar meus pais daqui.

- Cuidado, Larinha. O que eu comentei com o Paulo àquela hora na Floresta de Doces foi que a Dona Libélula transformou um menino em duende na hora que ela viu ele em seu quarto próximo ao cofre. Muitos já tentaram invadir o castelo para procurar pistas da combinação do cofre, mas nunca conseguiram encontrar. A única coisa que eu acho estranha é que o cofre é muito pequeno para caber os pais de todas as crianças que estão aqui. Às vezes ela transforma os nossos pais em alguma coisa, mas eu nunca consegui encontrar essa resposta.

- Então eu vou ter que ir atrás dessa resposta. Eu vou invadir o castelo da Dona Libélula! – a menina falou.

- Larinha! Não faça isso. – o duende estava preocupado.



- Eu preciso. Eu vou salvar meus pais. Uma hora um de nós vai conseguir. Pode ser que agora seja essa hora. Eu tenho o Sr. Pindarolas também. Somos dois contra uma. E você também vai me ajudar. Quero saber como eu faço para chegar no castelo da Dona Libélula.
- Larinha, Larinha... Isso não vai ser fácil! Você tem que tomar cuidado também porque você está transformando.
- Quanto tempo dura a transformação?
- Depende. Algumas crianças Dona Libélula transforma na hora, outras são aos poucos. Até que a sua transformação não está sendo muito rápida. Tenta controlar a sua saudade de casa. Às vezes, desse jeito, ela demora um pouco mais.
- Beleza, eu vou fazer isso. Agora me ajuda, Eduardo.

Capítulo 9

Relicários

Eduardo levou Larinha e Sr. Pindarolas para os estábulos onde ficavam outros pôneis voadores. A menina percebeu que alguns desses pôneis voadores eram bem diferentes dos que faziam parte da atração do Parque.

- Que pôneis são esses? – Larinha perguntou.
- Esses pôneis são especiais. Nós duendes usamos eles para vigiar o Mundo da Diversão e chegar nos lugares mais rápido. Eles são bem velozes. – Eduardo respondeu.
- Mas o duende que buscou eu e o Sr. Pindarolas não estava em um desses.
- Nem sempre a gente usa esses daqui. Tem duendes, inclusive, que não se dão muito bem com eles. Eles são meio nervosinhos.

Larinha e Sr. Pindarolas até ficaram com medo de subir em um desses pôneis especiais, mas Eduardo tentou tranquilizar os dois. O pônei que ele havia escolhido era o mais dócil dos estábulos, era o que

o Eduardo mais gostava de usar e que já estava familiarizado com o duende. Ele estava prestes a colocar Larinha e Sr. Pindarolas em cima de um pônei voador quando ouviu Dona Libélula o chamando. Assim que a menina escutou a voz da mulher, ela e Sr. Pindarolas tiveram a mesma ideia.

- Já sei! – os dois falaram ao mesmo tempo.
- O que? – perguntou o duende.
- O Sr. Pindarolas podia ir com você. – Larinha falou.
- Sim! – o hamster confirmou.
- Como assim? – Eduardo perguntou.
- O Sr. Pindarolas é pequeno. Coloque-o no seu bolso. Assim que vocês chegarem no castelo, o Sr. Pindarolas pode procurar a combinação do cofre. Se ele for discreto, Dona Libélula nem vai perceber que ele está ali.
- É verdade... – o duende respondeu.
- Eu posso ficar no seu bolso e assim que a gente chegar no quarto dela, você pode me colocar em alguma estante ou coisa assim. Ela só não pode ver. – Sr. Pindarolas falou.
- Nossa, Larinha! Brilhante ideia. – o duende realmente gostou da ideia.
- Eu fico escondida aqui nos estábulos. Eu não sei até quando eu vou conseguir esconder minhas orelhas.
- Não se preocupe, Larinha. Eu volto aqui para te

buscar. – o duende falou.

Eduardo pegou Sr. Pindarolas e o colocou no bolso da frente da sua túnica. Os dois subiram no pônei e foram em direção ao castelo de Dona Libélula. Durante o trajeto, Eduardo ficava colocando a mão sobre o bolso para verificar se o hamster estava seguro. Aparentemente estava tudo bem, o hamster ainda estava lá.

Assim que os dois chegaram no castelo, o duende amarrou o pônei em um dos locais reservados no gramado para os pôneis voadores. Ao chegar na porta do



castelo, Eduardo cumprimentou os duendes da Guarda Real que ficavam vigiando a entrada e seguiu em direção ao quarto de Dona Libélula. Sr. Pindarolas às vezes colocava sua cabecinha para fora do bolso para dar uma olhada no castelo e para ver se conseguia decorar o caminho até o quarto da mulher. Eduardo só foi perceber o que o hamster estava fazendo quando os dois estavam chegando perto da porta do quarto onde havia outros duendes da Guarda Real. Assim que Eduardo viu o Sr. Pindarolas colocando a cabecinha para fora, ele empurrou o hamster para o fundo do bolso. Ufa! Os guardas não viram.

- EDUARDO!!! – Dona Libélula gritava.

- Estou chegando, vossa majestade. – o duende respondeu ao abrir a porta do quarto.

Assim que o duende entrou no quarto de Dona Libélula, a mulher estava sentada em sua mesa escrevendo em um caderno bem grosso. O quarto, na verdade, era mais um escritório, pois não havia cama. Só havia uma mesa de madeira com várias gavetas, uma cadeira de couro – Dona Libélula era chique!-, um divã, várias estantes cheias de livro, uma porta que dava acesso a outro cômodo e umas maquetes que a mulher estava desenvolvendo. As maquetes representavam as novas atrações do

Mundo da Diversão. Dona Libélula parou de escrever em seu caderno e fez uma cara feia para o duende.

- Estou te chamando há horas! Onde você estava?

- No Parque de Diversões tentando acalmar um dos pôneis voadores.

- Tá, tá, tá! – a mulher falou impaciente. – Eu não sei se você já está sabendo, mas a Larinha Formiga está se transformando. Alguns dos duendes já me contaram. Eles viram Rubi apavorada na piscina conversando com o hamster da menina, enquanto ela chorava na cadeira de sol. Eles perceberam que ela está se transformando, parece que a menina toda hora fica tampando as próprias orelhas. Você e os outros duendes devem reconhecer os sinais de que uma criança está se transformando melhor do que eu.

- Sim, senhora.

- Então, peço para que você vá atrás da menina e tome as providências necessárias. Traga ela ao castelo, leve ela à Administração, veja com os outros duendes em que setor ela vai ficar e o uniforme que ela vai usar.

- Sim, senhora.

- Daqui a pouco eu vou sair para fazer minha ronda noturna no outro mundo...

Enquanto Dona Libélula explicava sobre como ela iria atrás de outras crianças para trazer pro Mundo

da Diversão, Eduardo tentava tirar o Sr. Pindarolas discretamente do seu bolso. Seria impossível tirá-lo do seu bolso enquanto Dona Libélula estivesse sentada, pois Eduardo estava de frente para a mesa. A oportunidade surgiu quando a mulher levantou da cadeira e começou a andar de uma ponta a outra da sua mesa. O duende virou de costas rapidinho, tirou Sr. Pindarolas do bolso, deixou o hamster em suas mãos enquanto ele voltou a ficar de frente para Dona Libélula.

- Tá tudo bem? – Dona Libélula havia percebido um movimento estranho.

- Sim, sim... – o duende tentou disfarçar.

- Então, como eu ia dizendo...

“Nossa! Essa mulher fala demais!” Sr. Pindarolas pensou enquanto estava sendo segurado pelo duende Eduardo. “Espero que ele não me deixe cair. Dona Libélula vai me ver na hora!”. Eduardo tentou se aproximar de uma estante que estava ao seu lado para deixar o hamster entre os livros. Era só Dona Libélula olhar para o lado que Eduardo dava um passo para o outro. O duende foi fazendo isso até chegar perto da estante. Dona Libélula olhou para Eduardo com certa estranheza, mas continuou falando sobre seu novo plano para conquistar as crianças sonhadoras e sobre as novas atrações do Mundo da Diversão.

Pronto! A hora era agora. Dona Libélula havia parado de falar e foi em direção à porta que dava para o outro cômodo. Eduardo colocou Sr. Pindarolas na estante e se posicionou em frente à mesa da mulher. Dona Libélula voltou carregando um saco muito bonito de veludo. Ele era vinho e tinha vários cordões dourados. Sr. Pindarolas agora conseguia ver tudo. Ele estava escondido sobre os livros de uma parte da estante e até então ele não tinha percebido que Dona Libélula usava um colar com um pingente grande em seu pescoço. Enquanto ela falava com Eduardo, a mulher toda hora ficava esfregando o pingente, como se ela estivesse o protegendo. Sr. Pindarolas achou isso estranho.

- Daqui a pouco eu estou de volta. – Dona Libélula falou.
- Tudo bem. – respondeu o duende.
- Vá atrás da menina e do hamster dela, Eduardo!
- Sim, senhora.
- Você já sabe o que fazer.

Dona Libélula passou pela estante onde estava o Sr. Pindarolas para sair do quarto, mas não percebeu que o hamster estava escondido ali sobre os livros. Assim que ela fechou a porta, o duende se aproximou do lugar onde havia deixado o hamster.

- Tá tudo bem com você, Sr. Pindarolas? – o duende

perguntou.

- Sim. Ainda bem que ela não me viu.

- Sim. Ainda bem.

- Eduardo, tenho uma pergunta para te fazer.

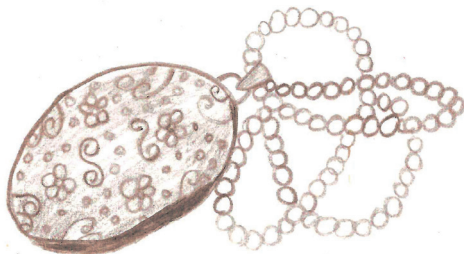
- Diga.

- Eu percebi que a Dona Libélula usa um colar prateado com um pingente grande.

- Sim. Ela sempre usou esse colar.

- Você sabe o que tem naquele colar? Ou o que aquele colar representa pra ela? Vi que ela é muito cuidadosa com esse colar. Ela tá sempre segurando o pingente como se tivesse protegendo ele de alguma coisa.

- Eu não sei. A única coisa que sei é que ela não deixa ninguém tocar nela e muito menos no colar. Eu me lembro de uma vez que uma menina ficou muito encantada com o colar da Dona Libélula. Toda vez que a criança via Dona Libélula, ela pedia para ver seu colar. Teve um dia que Dona Libélula ficou com muita



raiva e mandou a criança sumir da frente dela. Nunca mais a menina pediu para ver o colar. – Que história esquisita! – Sr. Pindarolas tinha acabado de encontrar mais um motivo para suspeitar do valor daquele colar para Dona Libélula.

- Sim, muito estranho. Nunca tinha parado para pensar. Acho que o colar deve ter um significado importante para ela. – o duende falou.

- Muito importante, diria eu.

- Sim. Bom, eu vou ver como a Larinha está. Enquanto isso, deixarei você aqui para dar uma olhada no quarto e ver se encontra alguma pista sobre a combinação do cofre.

- Beleza.

- Sr. Pindarolas, peço que tenha muito cuidado ao andar por esse quarto. Muitas vezes os duendes da Administração entram aqui para deixar documentos ou então os duendes da Guarda Real fazem uma vistoria para ver se está tudo normal.

- Relaxa, Eduardo. Eu sou pequeno. Sei me virar bem. Sou mestre em me esconder das pessoas.

- Ótimo.

Eduardo saiu do quarto de Dona Libélula e foi encontrar Larinha nos estábulos. Enquanto isso Sr. Pindarolas andou pelas estantes sorrateiramente para chegar próximo à mesa. Ele não queria ser pego de

surpresa caso alguém entrasse. Assim que Sr. Pindarolas estava perto, ele pulou da estante para o chão e foi andando pelos cantos do quarto até subir em um dos pés da mesa. Em cima da mesa o hamster encontrou o caderno no qual Dona Libélula estava escrevendo, várias pastas – deviam conter os documentos da Administração – e alguns papéis com projetos de atrações. Além disso, havia um porta canetas dourado com alguns lápis, régua e canetas, e um telefone. Até então não parecia haver em lugar nenhum sinal da combinação do cofre, Sr. Pindarolas nem mesmo sabia onde ficava o cofre.

O hamster resolveu então dar uma volta no quarto para ver se encontrava alguma porta pequena que talvez desse para o cofre. Mais uma vez ele usou um dos pés da mesa para descer para o chão. Assim que ele chegou ao chão, ele ouviu a porta se abrir. Na hora o coração do hamster acelerou e muito. Ele precisava se esconder. O hamster então se encolheu atrás de um dos pés da cadeira de couro que estava de frente para a mesa. Era um duende da Administração.

Ao chegar nos estábulos, Eduardo percebeu que a transformação de Larinha estava em um estágio mais

avançado. A menina já havia diminuído de tamanho e as suas orelhas de duende estavam completamente formadas. A pele da menina estava até começando a mudar de cor.

- Larinha! Você tá bem?
- Não. Eu não paro de mudar. Daqui a pouco vou virar um duende de verdade e não vou poder sair daqui. Eu preciso sair daqui, Eduardo. Eu preciso salvar meus pais. – a menina estava com o celular na mão. Ela não conseguia parar de ler as mensagens dos pais enquanto esperava nos estábulos.
- Nós vamos tentar fazer você sair daqui.
- E o Sr. Pindarolas?
- Ele está no quarto da Dona Libélula procurando pela combinação do cofre.
- Ele tá bem?
- Tá sim, pelo menos estava até eu vim pra cá.
- Espero que ele encontre alguma coisa.
- Ele vai encontrar. Assim que a Dona Libélula voltar, eu tiro ele do quarto de novo. Não dá para ele ficar lá enquanto ela estiver lá. É muito perigoso.
- É verdade.

O duende da Administração deixou alguma coisa

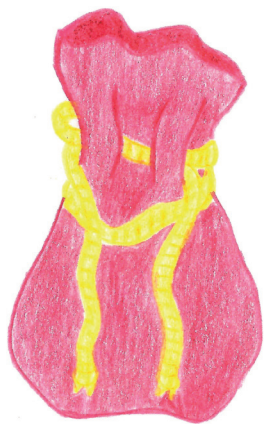
em cima da mesa da Dona Libélula e saiu do quarto. Ufa! Ele não tinha visto o Sr. Pindarolas. O hamster então continuou a sua busca pelo cofre e a sua combinação. Atrás da mesa ficava a porta que dava para o outro cômodo, Sr. Pindarolas não sabia o que tinha lá. Ele resolveu investigar. Dona Libélula não havia fechado a porta, ou seja, ela só estava encostada o que facilitou a entrada do hamster no lugar.

Sr. Pindarolas passou pela porta e percebeu que estava no cômodo em que ficava o cofre. O lugar não era grande, era bem pequeno para falar a verdade. A única coisa grande era a porta do cofre que ocupava a parede inteira em frente à porta. Pendurados nas paredes ao lado ficavam vários sacos de veludo como o que a Dona Libélula estava segurando quando avisou que ia sair. Sr. Pindarolas percebeu que ele não daria conta de abrir aquele cofre sozinho. A porta era grande e de metal, sem contar que não havia como o hamster escalá-la e pressionar os botões com a combinação correta. O hamster até tentou verificar se a porta do cofre estava apenas encostada, mas não estava. A porta estava devidamente fechada e segura.

O hamster resolveu voltar para o quarto e para a estante onde Eduardo havia o deixado para esperar o duende resgatá-lo. Assim que ele estava prestes a subir em cima dos livros a porta do quarto se abriu. Sr.

Pindarolas pulou sobre os livros e desejou que quem tivesse chegado não tivesse o visto. Ufa! Mais uma vez o hamster havia escapado. Quem entrou no quarto era Dona Libélula. “Até que ela voltou rápido” o hamster pensou.

O saco de veludo que a mulher carregava parecia conter alguma coisa de metal por conta do barulho que estava fazendo e porque ele estava visivelmente mais pesado. Dona Libélula foi em direção à mesa e assim que ela colocou o saco por cima desta, vários colares como



o dela caíram sobre esta. O saco não estava fechado. Sr. Pindarolas precisava ver aquilo de perto. O hamster foi andando por cima dos livros bem devagarzinho para não fazer nenhum barulho. Assim que ele chegou bem perto de onde Dona Libélula estava, ele viu a mulher pegar o saco e levá-lo para o outro cômodo. Será que daria tempo dele ver os colares que ela havia deixado em cima da

mesa? Sr. Pindarolas resolveu se arriscar.

O hamster estava em cima da mesa olhando de perto os colares quando ouviu a porta do quarto se abrir. MEU DEUS! Onde ele se esconderia? Quem será que

havia entrado no quarto? Sr. Pindarolas nem conseguia pensar direito. De um lado estava Dona Libélula no cômodo que ficava atrás da porta que ficava atrás da mesa. Do outro alguém se aproximava justamente para perto da mesa onde o hamster estava. “O que fazer? O que fazer?” ele pensava. Será que ele conseguiria se esconder entre a pilha de pastas com os documentos ou será que dava tempo dele entrar no porta canetas?

Só sei que o Sr. Pindarolas nunca havia se sentido tão aliviado em toda sua vida quando ele descobriu que quem havia entrado no quarto era o duende Eduardo. Eduardo viu o hamster em cima da mesa e assim que ele pegou o hamster para colocar em seu bolso, Sr. Pindarolas aproveitou para pegar um dos colares que estavam na mesa para examiná-lo com Larinha depois.

- Dona Libélula?

- Eduardo?

- Sim.

- Estou aqui no outro quarto. Já vou até aí.

- Sim, senhora.

Dona Libélula fechou a porta do quarto onde ficava o cofre e os colares que estavam em cima da mesa ela os colocou para dentro de uma das gavetas. Eduardo fingiu olhar para os lados como se não estivesse percebendo o que estava acontecendo.

- Conversou com a Larinha? – a mulher perguntou.
- Sim. Já está tudo encaminhado. Vou levá-la para a Administração agora.
- Então o que está fazendo aqui? Vá logo!
- Eu só vim avisar que...
- Tá, tá, tá! – a mulher respondeu impacientemente.- Saia daqui. Vá atrás da menina. Quero resolver isso logo. Daqui a pouco ela vai tá verde e as crianças vão perceber. Você sabe que eu detesto esse tipo de exposição.
- Sim. Já estou indo.- o duende falou saindo do quarto.

Eduardo e Sr. Pindarolas foram encontrar Larinha nos estábulos. Eduardo desceu do seu pônei voador e colocou o hamster no chão que segurava um dos colares que ele havia roubado. Pobre da Larinha, Sr. Pindarolas nem conseguia acreditar no que estava vendo. A menina já estava verdinha. O processo de transformação já estava quase concluído. Larinha estava mais baixinha, com orelhas pontudas e agora com a pele verde. O hamster nem conseguiu disfarçar sua tristeza ao ver a menina desse jeito, mas ele sentia que os dois conseguiriam sair daquele lugar.

- Sr. Pindarolas! – a menina estava feliz em vê-lo bem.
- Larinha... Você tá bem?
- Não, mas vou ficar. Vai ficar tudo bem. O que você conseguiu encontrar no quarto dela? O que é isso na sua mão?
- Larinha, a Dona Libélula usa um colar tipo esse aqui.
- o hamster entregou o colar para a menina. – Todo dia ela sai atrás de novas crianças que querem fazer parte do Mundo da Diversão. Eu vi Dona Libélula saindo do quarto dela para ir para o “outro mundo” segurando um saco de veludo vazio. Assim que ela voltou, o saco estava cheio. E o saco estava cheio de colares assim, como o que ela usa no pescoço dela.
- Que estranho! – a menina também achou aquela história muito esquisita.
- Pelo visto ela também guarda esses colares no cofre, mas eu não sei porquê.

Os dois começaram a examinar o colar. O pingente era prateado e era bem grosso. Na frente ele era todo bonito com umas flores em alto relevo e na parte de trás do pingente havia gravado um nome: Beatriz Correa. Quem era Beatriz Correa? Será que era o nome de alguma das crianças que ela havia ido buscar? Por que havia um colar com o nome dela?

- Engraçado, tenho a impressão de que já vi alguém

com um colar desses sem ser a Dona Libélula. –

Larinha falou.

- Eu não me lembro de ter visto um colar desse tipo nunca na minha vida. – o hamster respondeu indignado.

- Esse pingente parece um pingente de um dos colares da vovó.

- Sério, Larinha?

- Sim. Uma vez a vovó me mostrou a caixinha de jóias dela e tinha um colar parecido com esse.

- Sei...

- Sr. Pindarolas! – a menina gritou.

O QUE SERÁ QUE LARINHA TINHA DESCOBERTO?

- O que foi, Larinha?? – o hamster perguntou assustado.

- O colar da vovó que parece com esse tem um pingente que abre e dentro dele tem as fotos dos pais dela, dos meus bisavós. Tem até um nome estranho que eu não consigo lembrar, é “relitaro”, “requilário”, é alguma coisa assim.

- LARINHA! Será que a Dona Libélula guarda os pais das crianças dentro desses colares?

- Sr. Pindarolas, você é um gênio! Vamos tentar abrir esse colar!

Eduardo estava voltando da baía onde havia deixado seu pônei voador quando viu Larinha e Sr. Pindarolas com uma cara de fascínio. Eles haviam descoberto alguma coisa aparentemente muito boa. Será que era a combinação do cofre? Larinha contou para o duende sobre o colar da sua avó que era muito parecido com o que o Sr. Pindarolas havia pegado e como o pingente do colar da sua avó guardava as fotos dos seus bisavós. A menina contou que ela e o hamster começaram a achar que Dona Libélula aprisionava os pais das crianças nesses colares e ela mostrou o colar que Sr. Pindarolas havia pegado para o duende. Não era possível! O pingente estava aberto e dentro dele não havia duas fotos, como no da sua avó. No colar da Beatriz Correa estavam duas pessoas ali, vivas, provavelmente seus pais, se debatendo contra o vidro do pingente. Encolhidos como em uma fotografia três por quatro. Estava na hora de acabar com aquela palhaçada.

Capítulo 10

Todo mundo sente falta dos pais

Larinha chegou à porta do castelo com Sr. Pindarolas em seu ombro e Eduardo. Os três passaram pela Guarda Real, mas ao invés de irem à Administração, foram em direção ao quarto da Dona Libélula. Eles ainda não tinham um plano, mas Larinha estava decidida a mostrar o colar da Beatriz Correa para a mulher. Será que os pais da Dona Libélula também estavam presos em seu colar? Era uma boa pergunta. Larinha e Sr. Pindarolas estavam prestes a descobrir.

Assim que os três chegaram à porta do quarto da Dona Libélula eles foram parados pelos duendes da Guarda Real. Eduardo tentou explicar de uma forma convincente que a mulher havia pedido para ver os três, mas mesmo assim os duendes não estavam querendo deixar Larinha e Sr. Pindarolas entrarem. Principalmente depois do episódio que havia ocorrido naquela semana em que uma criança tentou abrir o cofre da Dona Libélula. Eduardo já não sabia mais o que dizer quando foi salvo pela mulher gritando seu nome

lá de dentro do quarto. Apesar dos guardas não estarem convencidos, eles liberaram a passagem dos três.

Dona Libélula estava sentada à mesa quando viu Eduardo, Larinha e Sr. Pindarolas entrarem em seu quarto. Ela ainda não estava sabendo dos planos da menina, nem do sumiço do colar da Beatriz Correa, ela apenas achava que Eduardo havia levado a menina para que Dona Libélula a instruisse quanto ao seu futuro trabalho.

- Larinha e Sr. Pindarolas, prazer em revê-los. – a mulher foi irônica.
- Olá, Dona Libélula! – os dois responderam.
- A que devo à honra da visita de vocês em meu quarto Real? – Dona Libélula perguntou.
- Larinha e Sr. Pindarolas querem fazer umas perguntas à senhora. – Eduardo respondeu.
- Sim. – a menina respondeu. – Eu queria que você me explicasse onde está o meu colar?

Larinha tirou do seu bolso o colar da Beatriz Correa e o mostrou à mulher. Assim que Dona Libélula percebeu o colar que a menina estava segurando ela ficou possesa.

- COMO VOCÊ CONSEGUIU ISSO? EDUARDO!!! Aposto que isso foi obra sua. – a mulher gritou.

- Não importa como eu consegui. EU QUERO SABER O QUE VOCÊ FEZ COM OS MEUS PAIS. – a menina gritou de volta.

- O que você acha que eu fiz com os seus pais? – Dona Libélula perguntou de forma sarcástica.

- O mesmo que você fez com os da Beatriz. – Larinha abriu o pingente e mostrou o casal que estava preso sob o vidro.

- Até que você não é burrinha, né, Larinha? Estou impressionada! Você está de parabéns.

- ME FALA LOGO! – a menina estava cada vez mais impaciente.

- Olha aqui, menina, eu não vou deixar que uma intrometida como você atrapalhe o mundo maravilhoso que eu levei anos para construir. Você tem noção do quanto você é uma criança INGRATA?

- Ingrata? Ingrata por quê? Você invadiu a minha casa, seqüestrou os meus pais, me fez parar nesse mundo e agora quer me prender aqui para sempre. Você é uma louca! Você é má. Você não deixa as crianças que sentem falta de casa, que sentem saudades dos pais irem embora. Você é uma mulher cruel, Dona Libélula. Muito cruel.

- Cruel? CRUEL? Larinha, eu sou tudo menos cruel. Você realmente não tem noção do quanto você é mal agradecida, não é mesmo? Eu construí esse

mundo para que crianças que se sentem deslocadas que nem você, pudessem se sentir, pelo menos uma vez na vida, privilegiadas por estarem em um lugar como esse. Se isso é crueldade, eu já não sei o que não é mais. A única coisa que eu sei é que você teve a chance de ser feliz, você teve sua oportunidade e você a desperdiçou, como a maioria desses duendes que trabalham pra mim hoje.

- Você é malvada, Dona Libélula. Por que você não deixa as crianças que querem ir embora, irem embora? Elas não têm a obrigação de ficarem aqui. Ninguém tem! Que ótimo que você fez esse Mundo da Diversão para crianças como eu, esse lugar é realmente um sonho, mas eu acho que eu tenho o direito de sair daqui quando eu quiser.

- Sair daqui pra quê, Larinha? Pra voltar praquele mundo lá fora? Pra voltar praquele mundo em que os seus pais não te dão atenção? Pra voltar para um mundo em que o seu pai trabalha durante horas e nunca tem tempo para você e para a família? Pra voltar para um mundo em que a sua mãe passa horas no computador só trabalhando e acessando sites de compras coletivas? Um mundo em que as crianças só querem saber de celular, videogame e esquecem que o mais importante é imaginar, criar, brincar? É esse o mundo em que você quer viver? O mundo que

é só trabalho e não tem diversão. O mundo em que as pessoas estão mais preocupadas com o seu próprio umbigo do que com os outros? Aqui nós formamos uma comunidade, Larinha. Todo mundo aqui é feliz, menos os duendes, claro. Eu salvei a vida de dezenas de sereias. Eu tirei vários duendes espertinhos e ladrões dos jardins das pessoas. Eu sei que fiz o meu melhor e estou sempre fazendo o meu melhor.

- Eu não acho mais que o mundo lá fora seja desse jeito. Essas coisas existem, mas a gente é capaz de mudá-las.

- Mudar? Mudar as coisas? Você acha que você é capaz de mudar como as coisas estão lá fora? – Dona Libélula estava muito inconformada.

- Sim! Basta cada um fazer sua parte.

- Me conte, Larinha. O que você tem feito para mudar?

- Pra começar, eu não odeio mais celular. Eu percebi que o celular é muito útil às vezes mesmo. Meus pais estavam certos. Se eu não tivesse um celular, eu nunca receberia essas mensagens maravilhosas durante o meu dia. – Larinha tirou o aparelho do bolso e o mostrou à mulher. – Na minha escola, as professoras pedem para as crianças desligarem o celular para prestarem atenção na aula e a maioria obedece. Sempre tem um que deixa ligado, mas assim que a professora descobre, a criança ou é retirada de

sala ou tem que deixar o celular em cima da mesa da professora. Os professores da minha escola também estão querendo organizar um projeto chamado “Sexta-Feira Sem Celular”, no qual as crianças são convidadas a deixarem o celular em casa e participar de atividades recreativas toda sexta-feira. Dá para mudar sim. Basta fazer sua parte.

- Muito lindo você acreditar nisso, Larinha, mas o mundo está perdido. E o melhor que você faz é ficar aqui, sendo duende ou não. Sentindo a falta dos seus pais ou não. Se divertindo e MUITO nos meus brinquedos maravilhosos ou não. Esquece. Você não vai conseguir pegar o seu colar. Ninguém consegue encostar no meu cofre.

- E os seus pais, Dona Libélula? Você não sente falta deles não?

Na hora Dona Libélula colocou a mão sobre o pingente do seu colar. “Eles estão mesmo ali” pensaram Larinha e Sr. Pindarolas. A mulher ainda estava sentada e



Sr. Pindarolas cochichou o plano que havia acabado de ter no ouvido da Larinha. O hamster ia aproveitar que a mulher estava distraída, subiria em sua cadeira e tiraria o colar do seu pescoço, nem que ele tivesse que mordê-lo. Larinha apenas balançou sua cabeça discretamente em um sinal afirmativo. Ela continuaria distraindo Dona Libélula com sua conversa.

- Meus pais? – Dona Libélula perguntou.
- Sim! SEUS PAIS! Você não sente falta deles não? Eu aposto que sim.
- Não sinto! Não tem porquê eu sentir falta deles.
- Não tem? Tem certeza disso?

Eduardo, que até então estava quieto, percebeu que o hamster estava subindo a cadeira da Dona Libélula. Ele não sabia do plano dos dois ainda, mas decidiu que iria colaborar. Eduardo foi se aproximando de pouquinho em pouquinho para que a mulher não percebesse que eles estavam aprontando alguma coisa.

- Eu tenho CERTEZA, LARINHA! AGORA SAIA DO MEU QUARTO! E LEVE SEU RATO NOJENTO COM VOCÊ! - dava para sentir o ódio na voz da Dona Libélula, mas agora quem havia ficado com raiva era a Larinha.
- ELE NÃO É UM RATO! É UM HAMSTER E O NOME DELE É SENHOR PINDAROLAS! – a menina gritou

Nessa hora o hamster abriu a corrente do colar e deu uma mordida no pescoço da mulher. Dona Libélula deu um pulo da sua cadeira e tentou pegar o Sr. Pindarolas para jogá-lo contra a parede. Ela estava com muita, mas muita, mas MUITAAA raiva! Assim que ela levantou, seu colar caiu e o duende o pegou. Dona Libélula nem havia percebido do tanto que ela queria pegar o hamster da menina. Sr. Pindarolas estava tentando se equilibrar e correr pelos ombros da mulher enquanto ela tentava pegá-lo com suas mãos.

- EU VOU TE PEGAR! – ela gritava para o hamster.

- NÃO VAI NÃO! – a menina gritou.

Larinha pulou em cima do pescoço da mulher e tentou colocar Sr. Pindarolas em seu bolso. Agora a mulher estava se debatendo contra os dois e o pobre do Sr. Pindarolas havia caído para dentro do vestido da mulher. Ainda bem que era um vestido, pelo menos. Sr. Pindarolas começou a escorregar pelas costas da mulher e ela começou a sentir cócegas. Assim que o hamster caiu no chão, Eduardo o pegou e o colocou em seu bolso. Enquanto Dona Libélula ainda se debatia contra Larinha que estava dependurada em seu pescoço, o duende abriu o pingente e ele e Sr. Pindarolas descobriram o porquê a mulher era tão protetora quanto ao colar.

Lá estavam eles, os pais da Dona Libélula presos em



seu colar. Eles estavam assim como os pais da Beatriz Correa, presos sob o vidro interno do pingente. Eduardo e Sr. Pindarolas ficaram chocados. Era hora de agir.

- TEM CERTEZA QUE VOCÊ NÃO SENTE FALTA DELES?
- Eduardo mostrou o pingente aberto a Dona Libélula.

Larinha se soltou do pescoço da mulher enquanto esta olhava fixamente para o seu colar. MEU DEUS! Larinha estava certa. Os pais da Dona Libélula estavam mesmo presos em seu colar. A mulher começou a chorar.

- Meus pais!!! – ela gritou.

Na hora o quarto começou a tremer. Ou será que era o Mundo da Diversão inteiro que estava tremendo? Dona Libélula não parava de chorar. O colar nas mãos do duende também começou a tremer e muito. De repente uma luz saiu do pingente e o vidro se quebrou. De lá saíram os pais da Dona Libélula que correram para abraçá-la.

- Minha filha! O que você fez? – a mãe de Dona Libélula já era uma senhora e tentou confortar a mulher que agora parecia uma criança chorona.

O quarto parecia que ia desmoronar e de dentro do cômodo com o cofre saiu um barulho que parecia que

havia explodido alguma coisa. Larinha, Sr. Pindarolas e Eduardo foram correndo para o cômodo, enquanto Dona Libélula era consolada pelos pais. O cofre estava aberto e dentro dele estava cheio de colares. Os três pegaram os sacos de veludo e começaram a enchê-los um por um com os colares. Enquanto isso, eles procuravam o colar com o nome da Larinha e o do Eduardo. Assim que eles encontraram os dois, os três pegaram os sacos cheios de colares e saíram correndo do castelo que estava prestes a desmoronar. Ao chegarem no gramado, eles correram em direção ao pônei voador do Eduardo.

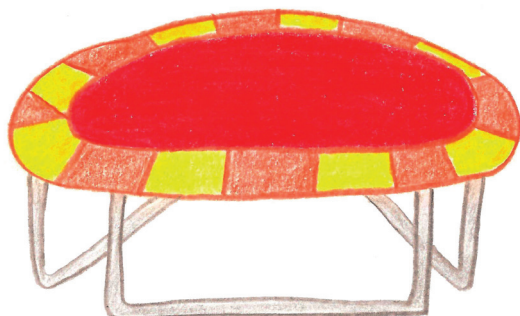
Agora era a hora de ir embora. O Mundo da Diversão estava sendo completamente destruído. O chão estava tremendo e duendes estavam correndo para fora do castelo. Larinha, Sr. Pindarolas e Eduardo montaram no pônei voador e decidiram ir em direção ao buraco pelo qual eles entraram para chegar lá. Enquanto eles sobrevoavam o mundo, os três despejavam os colares e gritavam para as crianças abrirem os pingentes. Larinha e Eduardo seguravam firme o colar dos dois, eles finalmente iam poder ir para casa.

Assim que eles chegaram no final do buraco, os dois abriram os pingentes deles e de lá saíram seus pais. Os pais dos dois quase não os reconheceram devido à transformação que eles sofreram, mas aos poucos Larinha e Eduardo foram voltando ao normal. Assim

que os pais perceberam que eram seus filhos, os seis foram correndo para um abraço. Larinha abraçou Clara e Ricardo morrendo de saudade dos dois. Eduardo com certeza estava muito feliz, dava para ver pelo sorriso em seu rosto. Já fazia anos que ele não via seus pais.

- Não dá tempo de explicar. Vamos embora! – Eduardo gritou para todos.

Todos correram em direção a cama elástica e pularam. Sim, eles estavam subindo o buraco.



Capítulo 11

Será que tudo foi um sonho?

Larinha acordou em sua cama e em suas mãos estava o celular que a menina havia tirado do armário. Será que tudo havia sido um sonho? Larinha deu um pulo da cama e olhou para a gaiola do Sr. Pindarolas e lá estava seu hamster correndo normalmente em sua rodinha.

- Sr. Pindarolas? – a menina perguntou ao se aproximar da gaiola.

Ele apenas continuou fazendo seu exercício matinal e soltou aquele chiadinho típico de hamster. É, as coisas pareciam ter voltado ao normal. Larinha olhou para o celular em sua mão e leu novamente a mensagem favorita da sua mãe. Será que a menina havia dormido olhando seu celular?

Larinha desceu correndo as escadas para ir à cozinha. Assim que ela estava se aproximando da cozinha, ela ouviu vozes. Seus pais estavam em casa. Larinha não conseguia se conter de tamanha felicidade. Ela nunca havia desejado ver tanto seus pais como naquela hora. A

menina entrou correndo na cozinha e abraçou sua mãe e seu pai que estavam em pé próximos à pia. Dona Joaninha estava segurando o João no colo e sentada à mesa da cozinha.



- Mãe, pai, me desculpe por tudo. Eu amo muito vocês.
- Larinha falou abraçando os dois.
- Bom dia, minha linda. Não tem problema. A gente não sabia que ia te magoar tanto por te dar um celular.
- Clara falou ao abraçar a filha de volta.
- Sim, Larinha. Espero que você perdoe a gente. – Ricardo falou.
- Eu perdôo! Eu perdôo! Eu perdôo!!! – Larinha falou pulando.
- Que bom! – os olhos de Clara estavam cheios de lágrimas.
- Que lindo ver a família toda reunida. – Dona Joaninha comentou emocionada.
- Eu amo vocês! Eu amo vocês! Não quero que vocês sumam nunca! – a menina gritava e pulava na cozinha.
- A gente também te ama. – os dois responderam.
- Eu prometo que a gente nunca vai sumir. – Clara deu piscadinha para a filha.

- Agora vamos comer porque estou morrendo de fome. – Ricardo falou e todo mundo começou a rir.

A família inteira estava sentada à mesa e comendo. Todos estavam muito felizes. Era uma das raras vezes em que Ricardo tomava café da manhã com todo mundo. Clara e Larinha estavam muito contentes com a presença dele.

- Larinha, temos uma notícia muito boa! – Clara falou.

- Sim, você vai gostar muito. – Ricardo completou.

- Conta, conta, conta. – a menina estava ansiosa.

- Seu pai e eu conseguimos tirar férias e vamos fazer uma viagem com a família inteira.

- Sério??? – a menina estava surpresa.

- Sim! – Ricardo sorriu e balançou a cabeça de maneira afirmativa.

- Uhull!!!! – a menina gritou de alegria. – Todo mundo? A vovó também?

- Eu também. – Dona Joaninha respondeu sorrindo.

- Eba!!!!!! Eu não acredito!!!! – a menina até levantou da cadeira para pular mais um pouco.

- Tenho outra novidade também. – Ricardo comentou.

- Qual? – a menina parou de pular.

- Eu vou trabalhar menos horas agora no escritório. Minha empresa já está bem grande, contratei mais funcionários e vou passar mais tempo em casa.

Nessa hora foi impossível segurar a emoção. Larinha pulou no colo do pai e o abraçou bem forte.

- Eu não acredito. – ela falou.

- Sim! Vou ficar mais tempo com vocês. – o pai estava muito feliz. – Sua mãe e eu saímos para conversar ontem e resolver o negócio da viagem e nós acabamos falando do meu trabalho. Percebi que estou mesmo muito ausente. Fico preocupado em dar tudo para vocês que esqueço que às vezes a única coisa que vocês precisam é a minha presença.

- Aham. – Clara falou fazendo uma careta.

- Pai, eu tô muito feliz!!! – Larinha o abraçou de novo.

- Esse é o melhor dia da minha vida.

A família continuou tomando o café tranquilamente e conversando sobre a futura viagem. As pessoas eram sim capazes de mudar as coisas. “Dona Libélula estava errada” Larinha pensou. Assim que eles terminaram o café, Larinha subiu correndo para o quarto. Mais uma vez ela tentou conversar com o hamster, só que ele continuou girando sua rodinha e fazendo chiadinhos típicos de hamster. Larinha iria sentir falta do seu hamster falante.

A menina estava prestes a tomar banho quando ouviu um barulho na janela do quarto. Larinha abriu a janela e viu que havia um colar que nem o da Dona Libélula

no parapeito. A menina abriu o pingente e dentro, em vez de uma foto de casal, havia um bilhetezinho. Larinha tirou o bilhete de dentro do pingente e o leu.



Atrás do pingente estava gravado o nome Eduardo Oliveira.

Não tinha sido um sonho.

Será?